

O ESTRUTURALISMO

J. Mattoso Câmara Jr.

I. INTRODUÇÃO

Para conceituar o estruturalismo, em geral, nada melhor do que as considerações de Joseph Hrabák, que servem de epígrafe a uma antologia de trabalhos do Círculo Linguístico de Praga, organizada por Paul Garvin (1):

“O estruturalismo não é uma teoria nem um método; é um ponto de vista epistemológico. Parte da observação de que todo conceito num dado sistema é determinado por todos os outros conceitos do mesmo sistema, e nada significa por si próprio. Só se torna inequívoco, quando integrado no sistema, na estrutura de que faz parte e onde tem um lugar definido. A obra científica do estruturalismo é, portanto, uma síntese da visão romântica — cuja base cognitiva é a dedução a partir de um sistema filosófico que classifica e avalia os fatos a *posteriori*, e a posição empírica do positivismo — que, ao contrário, constrói a sua filosofia a partir dos fatos que comprovou pela experiência. Para o estruturalista, há uma inter-relação entre os dados, ou fatos, e os pressupostos filosóficos, em vez de uma dependência unilateral. Daí se segue que não se trata de buscar um método exclusivo, que seja o único correto, mas que, ao contrário, ‘o material nêvo importa em regra numa mudança de procedimento científico’ (2). Da mesma sorte que nenhum conceito é inequívoco antes de integrado na sua estrutura particular, os fatos não são inequívocos em si mesmos. Por isso o estruturalista procura integrar os fatos num feixe de relações que ponham em evidência a sua inequívocidade dentro de uma superordenação e de uma subordinação. Numa palavra, a estrutura global é mais do que uma sùmula mecânica das propriedades dos seus componentes, pois determina propriedades novas”.

(1) *A Prague School Reader on Esthetics, Literary Structure and Style, selected and translated from the original Czech by Paul Garvin.* Washington D. C. 1964, p. VIII.

(2) É citação de um artigo de Jan Mukarovsky, importante crítico literário filiado ao Círculo de Praga.

Vemos assim que o estruturalismo é uma posição científica geral para todos os campos do conhecimento humano. Abrange o estudo da natureza e o estudo do homem em sua criação cultural, e, pois, nesta última, também o estudo lingüístico.

Aparece na epistemologia como uma síntese hegeliana da oposição dialética entre o empirismo e o que Hrabák chama o romantismo, isto é, o idealismo que parte de uma construção **a priori**. Decorre do pressuposto de que não há fatos isolados passíveis de conhecimento, porque tôda significação resulta de uma relação. Eis por que não procura destacar fatos para em seguida somá-los, nem construir um conjunto para em seguida dividi-lo em seus fatos. Fatos, para o estruturalismo, são sempre partes de um todo e só como tais, e em referência ao todo, podem ser apreciados. O princípio essencial é de que não há para o nosso conhecimento coisas isoladas. Há sempre uma estrutura, isto é, uma inter-relação de coisas, que dela tiram o seu sentido.

Assim se depreendeu o conceito de estrutura, diverso do de conjunto, em que as unidades componentes apenas se situam lado a lado, e o do de síntese, em que elas se fundem e desaparecem numa unidade maior.

Não é, por outro lado, exatamente o que se entende por sistema, apesar dos dois têrmos serem postos muitas vêzes em equivalência sinonímica, como em certa altura das considerações de Hrabák há pouco citadas.

O sistema, que aparece, por exemplo, na compreensão do universo, ou "ordem cósmica" desde a Antigüidade, é um conceito científico que nos vem de longe. Pressupõe, sem dúvida, uma estrutura, como num feixe de relações entre os elementos que o compõem. Caracteriza-o, contudo a circunstância de que êsses elementos são bastantes e complementares em sua distribuição. O todo em que se constituem é cabal e suficiente. Há assim na significação de sistema uma noção nova, que se acrescenta à da inter-relação entre as partes. É uma estrutura de partes satisfatoriamente distribuídas, que se associam e completam. Tôda estrutura pressupõe um sistema, pelo menos implícito e realizável, e pode-se afirmar que ela é a condição prévia e necessária para êle existir.

Da estrutura, por outro lado, resulta a forma que é, por assim dizer, o seu aspecto plástico. As inter-relações dos constituintes determinam necessariamente na estrutura uma

configuração formal. A apreensão de uma forma no objeto a estudar foi o primeiro passo no sentido do estruturalismo. É a forma, por exemplo, que Goethe, cientista, põe em evidência na anatomia das plantas, criando o termo e o conceito de morfologia, ou estudo da forma, “que é hoje parte integrante da nossa terminologia científica — tanto biológica como lingüística, como ressalta Cassirer (3).

Em referência à interpretação do fenômeno lingüístico, operou-se muito cedo uma síntese dos atos da fala, vistos por isso num todo em que eles se dissolvem e que vem a ser o que chamamos tradicionalmente a língua. Substituiu-se, dessa sorte, por uma unidade conceptual o que são muitas e muitas emissões vocais distintas, feitas em ocasiões distintas em distintos contextos e por pessoas distintas. Ao mesmo tempo, a língua, como unidade, é um conjunto de unidades menores e se estudou desde cedo quer pelo método idealista, ou “romântico”, quer pelo método positivista ou empírico.

Com a gramática, que daí resultou, ainda estamos muito longe de uma compreensão de estrutura. Haja vista a doutrina do analogismo na gramática greco-latina.

O conceito de analogia, como diretriz gramatical, assenta na associação por semelhanças. Leva, sem dúvida, à formulação de um conjunto, mas não estabelece um campo de relações em que o todo se explique pelas partes e cada uma das partes pelas outras e pelo todo.

Assim, dificilmente se poderia aproximar o conflito moderno entre o estruturalismo e o anti-estruturalismo com a discórdia de analogistas e anomalistas no Mundo Antigo. Tanto no analogismo como no anomalismo os fatos lingüísticos são vistos em si mesmos.

Apenas, naquele faz-se a dependência unilateral, de que nos fala Hrabák, entre os fatos e a sua soma

Os anomalistas prescindem de uma soma, negando a possibilidade de um conjunto por associação de elementos. A rigor não chegam à gramática, que se reduz para eles em seguir o uso (“*consuetudinem sequens*”, como dizia o anomalista Aulo Gélío, citado a propósito por Pagliaro (4).

(3) Ernst Cassirer — “Structuralism in Modern Linguistics”. *Word, Journal of the Linguistic Circle of New York*, (1945), I, 2, 105.

(4) Antonino Pagliaro — *Sommario di Linguistica Ario-europea*, Fascicolo I Roma, 1930, p. 20.

A linha analogista, freqüente no estudo da linguagem, prescinde, por sua vez, do conceito de estrutura. Constitui a essência da gramática psicológica, cujo primeiro modelo foi esboçado por Hermann Paul, inspirando-se na psicologia associativa de Herbart (5). Daí por diante, tem feito fortuna justamente como oposição ao ponto de vista estrutural.

Quando muito, se poderia dizer que o anomalismo é o anti-estruturalismo absoluto, pois só vê fatos isolados e não procura sequer reuni-los. Nêle está implícito um estudo da fala sem gramática, e até se esboça às vêzes o cepticismo diante do conceito de língua, como síntese dos atos da fala, na convicção, como anota Pagliaro, de que “a realidade é individual e o conceito não existe” (6). É, em última análise, anomalista a atitude de Schuchardt em face do analogismo da gramática associativa, bem como a teoria lingüística de Gilliéron, que só vê as palavras — os fatos lexicais — em si mesmos. Ao contrário disso, o princípio associativo, que é a essência da analogia, é em lingüística uma modalidade do empirismo, ou positivismo, que, nos têrmos de Hrabák aqui citados de início, “constrói a sua filosofia a partir dos fatos que comprovou pela experiência”.

Atitude antitética a esta, mas também muito distante do estruturalismo, foi a que se orientou pelos postulados lógicos para elaborar a gramática. Permeia no Mundo Antigo o divisor entre os analogistas e os anomalistas, e parece à primeira vista aproximar-se dos primeiros. É fácil logo perceber, porém, que se trata de outra posição em face da linguagem. Aparece nitidamente em Aristóteles, que envolve lógica e gramática numa compreensão única, da mesma sorte que em Platão, de quem “Aristóteles muito pouco se afastou”, como adverte Hans Arens (7).

O que se tem aí é um apriorismo lingüístico. Parte de um conjunto idealisticamente elaborado pelos princípios lógicos, e dêle procura deduzir os fatos da linguagem. É a mesma dependência unilateral que surpreendemos na marcha para a gramática através da analogia, mas em sentido inverso ao trabalho de associação empírica.

(5) Sobre o psicologismo em Paul, cf. Friedrich Kainz, *Psychologie der Sprache*, I. Stuttgart, 1941, p. 9.

(6) Antonio Pagliaro — *Sommario di Linguistica Arioeuropea*, cit., p. 17.

(7) Hans Arens — *Sprachwissenschaft, der Gang ihrer Entwicklung von der Antike bis zur Gegenwart*, Freiburg, 1955, p. 14.

Chegamos assim às três posições, contrárias entre si, que mais predominaram na história das idéias lingüísticas, até o advento explícito e definido do que podemos chamar rigorosamente o estruturalismo.

Uma observação parcelada dos fatos, que são em seguida somados por um processo associativo, ou analógico **lato-sensu**, vai do analogismo greco-latino aos neogramáticos, como vimos com Hermann Paul, até a gramática psicológica em geral, ou psicologismo gramatical, baseado na psicologia individual clássica e no mecanismo das associações.

Contrapõe-se-lhe a construção de uma gramática em termos lógicos, de que são deduzidos os componentes. É ela que está no cerne do conceito tradicional de gramática. Repete-se numa longa história, que vem de Aristóteles e Platão, consolida-se em Dionísio da Trácia, prolonga-se na Idade Média, reformula-se com a gramática de Port-Royal, e é afinal rechaçada pela lingüística oitocentista, que assenta francamente no empirismo.

Entre as duas hostes antagônicas, como uma terceira força (para usarmos uma metáfora **up-to-date**), encontra-se no anomalismo, cujo princípio diretor é a afirmação do fenómeno lingüístico como visceralmente individual e particular. Transplanta-se do anomalismo grego para o pensamento de Schuchardt e Gilliéron, como já vimos. Um seu aspecto típico é a diluição da lingüística noutra área de estudo, que é a etnografia com Schuchardt e Meringer, através da doutrina das "Palavras e Coisas", ou a estética com Croce e a corrente vossleriana, ou a história social e política com Menéndez Pidal.

Uma quarta posição, que renunciou o estruturalismo, foi a da aproximação entre a lingüística e a biologia, que vamos ter tão impressivamente feita por Schleicher.

O estudo dos organismos vivos adotou desde muito cedo uma orientação estruturalista. Aí, o conceito de sistema, compreensivamente, logo se impôs. Cassirer já mostrou como é uma linha estruturalista que orienta Cuvier nos seus estudos de anatomia comparada e paleontologia (8), e, seguindo as suas considerações, já aqui se aludiu à importância que

(8) Ernest Cassirer — "Structuralism in Modern Linguistics", *Word*, cit., 106.

tem a noção de forma, tão próxima da de estrutura, no pensamento de Goethe em botânica.

Schleicher interpretou a língua, implicitamente, como uma estrutura, quando, sistematizando certas lucubrações muito antigas, que se consolidam sensivelmente na tipologia comparatista de Bopp associou a língua a corpos naturais (9).

Essa manifestação doutrinária, no sentido do estruturalismo lingüístico, perdeu-se, porém, com o abandono da posição insustentável de Schleicher na sua reificação da língua, considerada literalmente um organismo vivo. Foi até perturbadora, porque estabeleceu uma aproximação, que é em princípio falsa, entre estruturalismo e biologismo lingüístico.

Os primórdios mais positivos da concepção estrutural da linguagem se acham alhures. Estão na teoria da forma lingüística que Humboldt desenvolveu.

É verdade que foi em Humboldt que Vossler se abebrou. O anti-estruturalismo vossleriano põe Humboldt ao lado de Croce, em contradistinção ao positivismo dos neogramáticos.

O pensamento humboldtiano é, com efeito, antipositivista e não se compadece com o método empírico da observação dos fatos isolados com fins a uma reunião ocasional ulterior. Há, não obstante, entre o que se pode chamar o seu idealismo e o idealismo teuto-italiano, mais recente, uma diferença fundamental, que está justamente na noção de forma lingüística, de que parte Humboldt.

Forma queria dizer para Humboldt configuração ideal e com isso ele criava um objeto mentalmente existente. Não tinha a existência concreta — é certo — que Vossler rechaçava nas implicações do organicismo de Schleicher e na compreensão positivista de uma língua como soma de fatos lingüísticos concretamente considerados. Mas, diametralmente oposta ao anti-estruturalismo absoluto de Vossler, essa forma lingüística é, em última análise, um conceito estrutural. Humboldt não lhe limita a aplicação ao material sonoro;

(9) O biologismo em Bopp, como precursor de Schleicher, é assinalado por John Maher, "More on the History of the Comparative Method: the Tradition of Darwinism in August Schleicher's Work", *Anthropological Linguistics*, Indiana University, Bloomington, (1966), part II, v. 1 n. 3, 6.

utiliza-o para conceber todo o mundo ideativo que se encerra na língua, pois, em suas próprias palavras, “ao léxico e às combinações léxicas corresponde igualmente uma construção de conceitos” (9).

Assim, a sua famosa dicotomia entre forma externa e forma interna é a primeira afirmação nítida e coerente do estruturalismo lingüístico. Diga-se de passagem que já nessa manifestação inicial se admitia a estruturação semântica, como desmentido prévio à identificação arbitrária que se faz às vezes entre estruturalismo e antimentalismo.

II. O ESTRUTURALISMO SAUSSURIANO

A primeira posição, rigosa e conscientemente estruturalista, é a de Saussure. É uma asserção que não precisa propriamente ser provada, pois está no consenso geral. O que importa estabelecer com clareza são as origens dessa posição e o que ela significa na história do estruturalismo lingüístico.

A primeira “idéia-fôrça” de Saussure foi a da necessidade de levar em conta o que êle chamou os “estados de língua” (10).

O pensamento neogramático, em cujo clima êle se formou, negava em princípio êsse conceito. Partia da visão histórica dos fenômenos humanos, posta tão incisivamente em relêvo por Hegel, e considerava a língua um eterno **devenir**. Nessa seqüência ininterrupta de mudanças, que era a compreensão da linguagem para os neogramáticos, qualquer pausa, para levar em conta fatos permanentes, era artificial e, pois, anticientífica. “Não há outro estudo científico da língua senão o histórico”, proclamava Hermann Paul (11), que nisso era porta-voz de uma corrente geral.

Saussure, ao contrário, embora fiel ao neogramatismo no sentido histórico, insurgiu-se contra a supressão do estudo da língua como uma realidade permanente num momento dado, com o qual lhe parecia que era inelutavelmente preciso contar. Com isso, colocava-se num movimento meio difuso e disperso, de que participavam vários outros de seus

(10) Ferdinand de Saussure — *Cours de Linguistique Générale*. Paris, 1922, p. 142

(11) Herman Paul — *Prinzipien der Sprachgeschichte*, Halle, 1920, p. 20.

contemporâneos, especialmente Marty com a sua afirmação sôbre a existência de “leis descritivas” (12).

O próprio Paul não suprimiu pròpriamente a apreciação dos valores lingüísticos atuais, destacados do eterno fluir das mudanças. Fazia-o, porém, à margem da lingüística por assim dizer, pois relacionava cada fato da fala a um dado processo mental, que examinava em têrmos psicológicos. Com tal concepção não havia lugar para o exame dos fatos em seu conjunto, e, muito menos, para a depreensão de uma estrutura. Nem se podia chegar indiretamente a ela através da psicologia. Nêle, esta — como já se ressaltou aqui — era a psicologia associativa de Herbart e partia empiricamente dos fatos, que julgava ter comprovado pela experiência.

Saussure pôs nitidamente em pauta a necessidade do que chamou “estudo sincrônico”, em contraposição ao “estudo diacrônico”, dedicado ao eterno *devenir* das línguas. Fugiu, ao mesmo tempo, da orientação perturbadora de Paul, em matéria de sincronia, com um conceito que podemos dizer sociológico da linguagem.

Já Whitney insistira que a língua é, em última análise, uma instituição social, como a organização familiar ou a religião.

Saussure aprova essa idéia de Whitney, que está encampada em duas passagens do seu *Curso* póstumo (13). Ora, na instituição social, mais abstratamente embora do que no organismo vivo, está contida a noção de sistema.

Whitney e em regra os que antes dêle viram na língua uma instituição social não exploraram essa possibilidade. No lingüista norte-americano, a asserção tem por principal objetivo uma contestação ao biologismo lingüístico de Schleicher, que êle combatia ostensivamente. Procurava, antes de tudo, mostrar o caráter arbitrário da linguagem, em face da natureza, por ser convenção humana, produzida pelo mesmo trabalho mental que criou a sociedade e suas instituições.

Saussure também insistiu na arbitrariedade do fenômeno lingüístico, que é até um dos aspectos mais marcantes de sua

(12) Anton Marty — *Über Wert und Methode einer allgemeinen beschreibenden Bedeutungslehre*. Bern, ed. Otto Funke, 1950, p. 19.

(13) Ferdinand de Saussure — *Cours de Linguistique Générale*, cit., pp. 26, 110.

filosofia. Sentiu ainda, porém, muito além disso, a outra consequência que advinha dessa compreensão sociológica. De-la desentranhou o conceito de sistema para a linguagem, em linhas pela primeira vez francamente estruturalistas em lingüística.

A sugestão lhe veio da sociologia francesa coeva, em que predominava a escola de Émile Durkheim. Não convém encarar a influência de Durkheim em Saussure da mesma maneira, absoluta, em que ela aparece em seu discípulo Meillet, concomitantemente discípulo declarado de Durkheim. Há um evidente exagero de Doroszewski, quando assim procede (14). É inegável, porém, tem sido o clima durkheimiano da sociologia francesa que permitiu a Saussure aproveitar no sentido estruturalista a assimilação da língua a uma instituição social.

Com efeito, a sociologia de Durkheim se baseia, antes de tudo, nas inter-relações dos fatos sociais, ou melhor, depreende os fatos sociais através de um feixe coeso de relações, que êle configura como “a realidade social” e procura estear, em termos psicológicos, no conceito de uma “mentalidade coletiva” (15). A sociedade, para Durkheim, é uma construção ideal, existente só por causa do mundo de relações que por ela se condicionam; em resumo, é uma estrutura.

Anàlogamente, Saussure, ao considerar a instituição que é a língua, viu-a em seu feixe de relações. São as relações que êle considera, em vez dos fatos empíricos, ou antes, êle consubstancia os fatos em decorrência das relações existentes. Pela primeira vez, em lingüística, emergiu a tese, que vimos apresentada em Hrabák, a respeito da “equivocidade” dos fatos em si mesmos.

A língua passou até a ser considerada um caso particular dentro da “semiologia”, destinada a estudar os sistemas significativos, ou de signos, que regem a vida mental dos homens.

É muito importante assinalar que êsse conceito relacional não aparece em Saussure em termo de estrutura, pura e simples, e, sim no de sistema.

(14) W. Doroszewski — “Quelques Remarques sur les Rapports de la Sociologie et la Linguistique”, *Journal de Psychologie*, número exceptionnel, Paris, 1933, p. 82 ss.

(15) Cf. o livro de seu discípulo Charles Blondel — *La Mentalité Primitive*, Paris, 1926.

Na palavra, que êle assim regularmente usa, há as implicações que a denominação necessariamente acarreta. Se há em sua obra uma ou outra sugestão noutra sentido, como quando, numa expressão literalmente inadequada, nos fala de “um sistema naturalmente caótico” (16), mais frequentemente ocorre a idéia de elementos bastantes e suficientes, como por exemplo na comparação com as peças de um jôgo de xadrez. A língua é por isso considerada “um sistema que não conhece senão a sua ordem própria” (17). A fórmula saussuriana, que se depreendeu das considerações do mestre, foi a de “un système où tout se tient”, sempre repetida e que vamos encontrar, por exemplo em Viggo Brøndal (18).

A conseqüência foi o caráter “aparentemente paradoxal” (19), que Saussure releva na mudança lingüística. Os seus editôres e discípulos Bally e Sechehaye até, a êsse propósito procuram eximi-lo da pecha de contradição (20).

Tudo indica que foi a interpretação da língua como sistema, rigorosamente dito, que levou Saussure a posições doutrinárias diferentes, conforme se situa no plano da sincronia ou no da diacronia.

Jakobson já insistiu nesse aspecto do pensamento saussuriano, frisando como êle na lingüística histórica permanece fundamentalmente neogramático. É a grande restrição que o Círculo de Praga, no “Manifesto” de 1928, redigido por Jakobson, faz a uma obra que lhe serviu de inspiração direta e declarada (21).

Se atentarmos no conceito de sistema como uma organização cabal e suficiente de elementos, logo compreendemos que, a rigor, dêle não se pode tirar a explicação de uma mudança. A única solução é admitir forças externas que pressionam o sistema, tornando-lhe o equilíbrio instável, com rupturas e em seguida reorganização. Isto é, verifica-se o jôgo

(16) Ferdinand de Saussure — *Cours de Linguistique Générale*, cit., p. 182.

(17) Ferdinand de Saussure — *Cours de Linguistique Générale*, cit., p. 43.

(18) Viggo Brøndal — “Structure et variabilité des systèmes morphologiques”, *Scientia, rivista di sintesi scientifica*, Bologna, 1935, p. 110.

(19) Ferdinand de Saussure — *Cours de Linguistique Générale*, cit., p. 108.

(20) Ferdinand de Saussure — *Cours...*, cit., p. 108, n. 1.

(21) “Quelles sont les méthodes les mieux appropriées à un exposé complet et pratique de la grammaire d'une langue quelconque?”. *Actes du Premier Congrès de Linguistique, tenu à la Haye, du 10-15 Avril 1928*, Leiden, pp. 33-36.

alternativo das “leis fonéticas” e da “analogia”, exposto pelos neogramáticos e que Saussure repete. Dêsse ponto de vista, a mudança é sempre um fato isolado e com ela se passa de início do sistema ao caos. Foi talvez o que Saussure tinha em vista, colocando-se implicitamente a cavaleiro dos domínios da sincronia e da diacronia, quando se referiu a “sistema caótico”, que relevamos há pouco numa passagem de seu livro.

Nesse ponto específico, o pensamento saussuriano tem causado certo mal-estar.

Haja vista o estudo estruturalista de Hans Glinz sobre **A Forma Interna do Alemão**, um título — diga-se de passagem — que concilia com razão a linha humboldtiana e a corrente de estruturalismo lingüístico. Glinz insiste repetidamente que a língua não é um sistema, no sentido estrito, mas antes o que êle chama um “sistematóide” (22).

Em vez, porém de tal definição, a rigor de feição negativa, caberia introduzir a de estrutura, **lato-sensu**, que já aqui se ressaltou, sem as implicações que a noção de sistema necessariamente comporta. A lingüística norte-americana, que se apóia nessa compreensão mais lata, se surpreende com esforços como o de Glinz para provar o que a ela parece óbvio e pacífico (23).

Com tudo isso, não obstante, Saussure foi o primeiro e declarado estruturalista em lingüística.

Foi pela diretriz estrutural que superou a fonética naturalística e introduziu a ordem gramatical no que parecia variedade caprichosa e inconsistente. Em vez dos fatos isolados das emissões vocais mínimas, êle considerou as inter-relações e a estruturação resultante. Daí depreendeu um fato novo, “inequívoco”, que é o fonema. Pode-se aquilatar a importância epistemológica, conseqüente, quando se compara Saussure, nesse particular, com as investigações, para o mesmo fim, de Baudouin de Courtenay (24). O lingüista russo partiu dos fatos isolados das emissões vocais mínimas e só

(22) Hans Glinz — *Die Innere Form des Deutschen, eine neue Deutsche Grammatik*, Bern, 1952, p. 21.

(23) Uriel Weinreich — “Review”, *Word*, cit., p. 310.

(24) Cf. J. Mattoso Câmara Jr. — *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1953, p. 24 ss.

resolveu a contradição imanente da falta de valor lingüístico delas, transpondo-se para o campo psicológico. Aí é que depreendeu um fato novo, que passou a considerá-lo lingüísticamente válido. Para Baudouin, o fonema é o que se julga pronunciar. Assim, de um equívoco coletivo resulta paradoxalmente o caráter inequívoco do novo conceito.

Um aspecto típico do estruturalismo saussuriano é o de desdobrar-se em dois planos, que são o das relações associativas e o das relações sintagmáticas.

Pela primeira vez se entende bem o paradigma. É um conceito gramatical muito antigo, mas que só então ganhou sentido estrutural. Antes a ênfase era posta nos elementos em si mesmos, que se agrupavam por analogia, enquanto no paradigma de Saussure os elementos só valem como pontos relacionais. O conceito de sintagma, por outro lado, que é uma inovação saussuriana, criou a estruturação linear, que Saussure considerava primacial na linguagem e punha em relêvo com o seu princípio da linearidade do signo lingüístico (25).

III. A ESTRUTURA SINTAGMÁTICA

A estruturação sintagmática, principalmente, atraiu a atenção de Charles Bally, que em lingüística executou duas grandes tarefas como discípulo ortodoxo de Saussure.

Uma delas foi a exploração do campo “afetivo” da linguagem, que o mestre, na sua orientação cartesiana, deixara intocado ao se concentrar na “língua”, como o sistema transmissor da informação de ordem intelectual. Assim se criou a estilística ballyiana.

Paralelamente, porém, desenvolveu-se o trabalho gramatical, que está consubstanciado em **Lingüística Geral e Lingüística Francesa** (26). Aí é tratada em extensão e profundidade a estrutura linear que é o sintagma saussuriano. Ou antes, é então que a natureza estrutural dêsse conceito emerge nitidamente. Fica entendido como uma construção binária de um termo determinado com o seu determinante. As

(25) Ferdinand de Saussure — *Cours de Linguistique Générale*, cit., p. 103.

(26) Charles Bally — *Linguistique Générale et Linguistique Française*. Bern, 1950.

próprias denominações mostram a solidariedade dos dois termos, de tal sorte que um não pode existir sem o outro. É uma entidade relacional, que só pode ser considerada simultaneamente em seu todo e em suas partes. Estas, muito longe de serem coisas isoladas, reunidas a **posteriori**, só ganham significação em referência uma à outra e ao todo em que se integram. Partindo da fórmula simbólica tt' , explicamos Bally que “o determinado (t) e o determinante (t') estão numa relação de interdependência, de complementariedade e” — sublinhadamente — “de condicionamento recíproco” (27).

A estrutura sintagmática, para Bally, se apresenta tanto no plano fonológico como no plano morfo-semântico, em que propriamente pensara Saussure. Por isso, é-nos dito que “o sistema fonológico também conhece o condicionamento recíproco” pelo mecanismo das “assimilações” (28).

Bally não fez omissão da estrutura associativa. O princípio da linearidade do signo lingüístico, que hauriu em Saussure, encontra uma restrição no conceito de “distaxia” ou “não-linearidade”; daí deduz a “cumulação (fr. **cumul**), como para o plano formal na desinência — o do lat. **amo** e no plano fonológico a sobreposição do ritmo (isto é, nos elementos prosódicos de intensidade e de tom) ao fonema.

É interessante registrar, contudo, que um seu discípulo indireto, Francis Mikus, procurou recentemente reduzir a estrutura lingüística à estrutura sintagmática, considerada a unidade básica e única da linguagem, como a célula é a unidade biológica por excelência (29).

A importância soberana dada ao sintagma leva necessariamente à interpretação da frase como a genuína realidade lingüística.

Ora, a estrutura frasal é, em última análise, um relacionamento de funções. Chega-se a uma modalidade do estruturalismo lingüístico, que é o funcionalismo e mais tarde apreciaremos em suas variedades.

Voltemo-nos agora para outra corrente suassuriana, paralela à escola de Genebra de Bally.

(27) Charles Bally — *Ling. Gén. et Ling. Française*, cit., p. 102.

(28) Charles Bally — *Ling. Gén. et Ling. Française*, cit., p. 107.

(29) Cf. minha “Crônica Lingüística — A teoria sintagmática de Mikus”, *Revista Brasileira de Filologia*, Rio, 1956, v. 2, t. II, 245 ss.

IV. O ESTRUTURALISMO DE PRAGA

Refiro-me a um vasto e complexo movimento de origens eslavas. Teve a sua expressão definitiva no Círculo Lingüístico de Praga, aonde confluíram duas correntes distintas — uma russa e outra tcheque.

Na Rússia, o estruturalismo ascende às lucubrações decorrentes do ensino de Baudouin de Courtenay, que se esforçou por deprender uma realidade lingüística abstrata em face da realidade física da fala. Assim Baudouin chegou ao fonema — mas aí como alhures, procurou dar a cada fato lingüístico, consideração em si mesmo, uma contraparte psicológica.

Esse psicologismo o desviou de uma orientação estruturalista que se esboçara em suas primeiras investigações ao lado do seu discípulo Kruzevski na Universidade de Kazan. Outro seu discípulo, Chtcherba, no entanto, chefe da chamada escola de Leningrado, a antiga São Petersburgo, onde se desenvolveu o ensinamento final de Boudouin, viu a importância das inter-relações na linguagem. Definiu os fonemas como “os tipos sônicos capazes de diferenciar palavras e suas formas”. (30), Com êle se delineou o primeiro movimento estruturalista na Rússia, com Polinanov e Jakolev, entre outros, e que seu discípulo Avasenov mais desenvolveu recentemente.

Outro grupo russo, cujas figuras marcantes iniciais foram Roman Jakobson e Serge Karcevski, enveredou pelas diretrizes saussurianas, que Karcevski conhecera bem com sua estadia em Genebra. A êles juntou-se desde cedo N. Trubetzkoy, que a princípio se dedicava inteiramente ao estudo das línguas do Cáusaso e à gramática comparada indo-européia, onde introduzira de maneira ousada a idéia de difusão.

Saindo da Rússia em consequência dos sucessos políticos de 1917, Trubetzkoy e seus companheiros, em Viena e em Praga, entraram em contacto com uma corrente tcheque.

Nela, Vilém Mathesius desde cedo tinha assinalado a importância dos estudos lingüísticos não-históricos, participando de um clima que já vimos ter propiciado a dicotomia entre sincronia e diacronia de Saussure. Nessa linha, procurara,

(30) Cf. Morris Halle — “Phonemics (Selected Topics in Soviet Linguistics)”, *Current Trends in Linguistics*, 1, *Soviet and East European Linguistics*, ed. by Thomas Sebeok, The Hague, 1963, p. 7.

uma interpretação da variabilidade na fala ou, em seus termos, “oscilação estática”, por um conceito de “potencialidade”, (12) que o levava ao estabelecimento das inter-relações, acima da realidade física (31). Foi de Mathesius que partiu a proposta de um Círculo Lingüístico em Praga na década de 20.

Como assinala Paul Garvin, “os lingüistas tcheques tiveram uma concepção do estruturalismo que é ampla e não se limita à lingüística” (32). Foi pela lingüística, entretanto, que o Círculo se projetou no Exterior e ganhou dimensão européia.

Construiu-se a fonologia praguense, que a um tempo consolida, ultrapassa e retifica o ponto de vista de Saussure em fonética. A fonologia tornou-se latamente européia. Na Alemanha, Karl Bühler saudou-a como o advento de “uma gramática dos sons”, que estendia à linguagem a fórmula de Kepler — **ubi materia ibi geometria** (33). Houve um estruturalismo holandês, ligado a Praga, com N. van Wijk, A. W. de Groot e H. J. Pos entre outros. Pos, por exemplo viu na fonologia “um realismo da generalidade, que satisfaz ao filósofo” e no sistema fonológico, nela conceituado, “uma estrutura inteligível”, “que parece traçada por um pensamento sem ser fruto da reflexão do indivíduo”. (34)

O grande teorista da fonologia de Praga, desenvolvida dentro da sincronia, foi Trubetzkoy com seus **Fundamentos**, pòstumamente publicados (35). Nêle sobreleva antes de tudo o conceito de oposição. Assim, as inter-relações passavam ao primeiro plano, subordinando a si “as coisas” relacionadas, que eram no caso os fonemas. É esta, a meu ver, uma nova fase na compreensão teórica de estrutura que nos trouxeram os **Fundamentos** de Trubetzkoy.

No campo morfo-semântico, houve também grande atividade no Círculo de Praga. Aqui mencionemos apenas o artigo de Mathesius “Sôbre alguns problemas da análise sistemática

-
- (31) Vilém Mathesius — “On the Potentiality of the Phenomena of Language”, *A Prague School Reader in Linguistics compiled by Joseph Vachek*, Bloomington, 1964, pp. 1-32.
- (32) Paul Garvin — “Czechoslovakia”, *Current Trends...*, cit., p. 500.
- (33) Karl Bühler — *Sprachtheorie, die Darstellungsfunktion der Sprache*. Iena, 1934, p. 44.
- (34) H. J. Pos — “Perspectives du Structuralisme”, *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*, 8, Prague, (1939), 78.
- (35) Cito pela edição francesa: N. Trubetzkoy — *Principes de Phonologie*, tr Cantineau, Paris, 1949.

da gramática" (36) e a "Contribuição para doutrina geral dos casos" de Jakobson (37). Para Jakobson, o paradigma dos casos é um "sistema de correlações vigente numa língua dada" e atribuir a um determinado caso uma significação própria é uma orientação simplista e falsa.

Jakobson simplificou a complexa classificação das oposições fonológicas (e, a rigor, lingüísticas *lato-sensu*) com a redução delas ao conjunto binário e com o conceito de "marca". Com isso, a relação lingüística passa a abstração de uma fórmula matemática no seu jôgo de (+) e de (—). O sistema associativo de Saussure, melhor designado como paradigmático, é desenvolvido paralelamente ao sistema sintagmático e em desafio à supremacia da linearidade em linguagem proclamada por Saussure. A ênfase assim dada ao simultâneo, em face do sucessivo, se manifestou especialmente na maneira de Jakobson ver o fonema como um feixe de traços fônicos. Sabe-se como essa atitude levou-o a superar o conceito de fonema e a fixar-se numa estruturação dos traços fônicos, que êle preferiu definir em termos acústicos (grave: agudo, compacto: difusão, mate: estridente, e assim por diante) (38).

A "desintegração" do fonema, assim feita, é o caso particular de uma compreensão estruturalista nova, que abre caminho para uma tipologia universal. Na base de relações binárias se estabelecem traços lingüísticos simples, como "universais lingüísticos" (39), que se distribuem diferentemente de língua para língua, criando estruturas particulares contingentes.

V. O ESTRUTURALISMO SAPIRIANO

Inteiramente estranho ao estruturalismo europeu, de Genebra e de Praga, que se prendem visceralmente a Saussure, como acabamos de ver, elaborou-se na América do Norte um estruturalismo lingüístico com Edward Sapir.

(36) Vilém Mathesius — "On some problems of the systematic analysis of grammar", *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*, 6, Prague, (1936), 95-107.

(37) Roman Jakobson — "Beitrag zur allgemeinen Kasuslehre", *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*, 6, cit., 240-288.

(38) Cf. especialmente R. Jakobson, Gunnar Fant, Morris Halle — *Preliminaries to Speech Analysis, Report 13*. Massachusetts Inst. of Technology, 1952.

(39) R. Jakobson — "Typological Studies and their contribution to historical Comparative Linguistics", *Selected Writings, I, Phonological Studies*, S-Gravenhage, 1962, p. 526.

Não é fácil rastrear-lhe as fontes, porque Sapir, todo voltado para o seu próprio pensamento, não procura ligá-lo a predecessores, e provavelmente não se fazia êle próprio uma idéia clara de **background** mental imanente.

Sob êsse aspecto, deve ter sido mínima, pelo menos, a influência de Franz Boas, com quem Sapir tão intimamente trabalhou e a quem deve a visão larga de lingüista, acima da sua especialidade inicial na filologia germânica (40). A antropologia de Boas ainda se acha, com efeito, dentro do empirismo e opera com o método das associações.

Talvez caiba antes considerar um influxo que vem da já distante obra de Humboldt. Há para assim pensarmos duas razões importantes.

Humboldt evidentemente inspirou Sapir na maneira de ver a língua em face da cultura e da organização do pensamento. É a rigor uma reelaboração de Humboldt, nesse sentido, que vamos encontrar em Benjamin Lee Whorf, cuja hipótese etnolingüística parte de Sapir, de quem Whorf foi discípulo direto e que já a sugerira em mais de uma ocasião.

Por outro lado, há a circunstância do conceito de forma, que é em Sapir um **leitmotiv** na interpretação da linguagem.

Nêle, a forma lingüística é, como em Humboldt, uma estrutura mental.

“O fato mais relevante, a respeito de qualquer língua, é a sua plenitude formal”, diz-nos êle. E logo acrescenta: “Por plenitude formal eu entendo uma peculiaridade de significação profunda que fàcilmente passa despercebida. Tôda língua tem um sistema fonético definido e exclusivo, com que executa a sua tarefa, e, mais ainda, todo o seu conjunto de expressões, das mais habituais às meramente potenciais, se articulam numa delicada trama de formas já prontas de que não se pode escapar. Essas formas criam um sentimento, ou atitude relacional, definido, em face de todos os possíveis conteúdos de expressão, e, daí, em face de todos os possíveis conteúdos de expressão, e, daí, em face de todos os possíveis conteúdos de experiência na medida — é claro — em que a experiência é suscetível de expressão em têrmos lingüísticos” (41).

(40) Cf. David Mandelbaum — “Editor's Introduction”, *Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture and Personality*, Berkeley and Los Angeles, 1949, p. VII.

(41) Edward Sapir — “O gramático e a Língua”, *Lingüística como Ciência, ensaios*, tr. port., Rio, 1961, p. 33.

Por êsse prisma já apreciei alhures a doutrina fonética de Sapir em convergência com a teoria do fonema de Saussure e nas correntes saussurianas.

“O que ressalta da própria obra de Sapir é que sua concepção de um ‘padrão fonético’, onde os elementos vocais de uma língua se estruturam como ‘pontos’, decorreu naturalmente da sua interpretação da língua como forma. Repugnava-lhe, — como deixou bem claro logo no começo do seu artigo fundamental sôbre ‘Os padrões sônicos da Linguagem’, em 1925 — excluir do conceito de forma a produção vocal que consubstancia sensorialmente uma língua. Note-se que Sapir, ao contrário de Baudouin, não focaliza o elemento vocal, ou ‘fonema’, mas essencialmente o ‘pattern’ — o padrão — que faz dêsses elementos uma forma lingüística e onde êles se situam como ‘pontos’ (42).

A forma em Sapir, como em Humboldt, era tanto fônica como conceptual; ou, nos têrmos de Humboldt, era “externa” e “interna”.

No sentido da última é que êle aprecia as diferenças formais de uma frase como “o fazendeiro matou o patinho”, ilustrando as diversidades de conceitos, ou categorias lingüísticas, que aí podem figurar segundo a língua em que ela se formula (43). Também a sua classificação tipológica das línguas, ou das estruturas lingüísticas, de acôrdo com as relações com que se constroem, é num plano tripartido, que leva em consideração a padronização dos conceitos e a técnica do seu tratamento gramatical (44).

A compreensão de uma forma, ou seja, um padrão ou “pattern”, nos conceitos lingüísticos abre o caminho para uma semântica estrutural, que não temos executada nas correntes saussurianas nem em Sapir, mas que permeia o estruturalismo de um e das outras.

(42) J. Mattoso Câmara Jr. — “Panorama da Evolução da Lingüística nos Estados Unidos da América” Programa Interamericano de Linguística y Enseñanza de Idiomas, *El Simposio de Cartagena, Agosto de 1963*, Bogotá 1965, p. 209.

(43) Edward Sapir — *A Linguagem, Introdução ao Estudo da Fala*, tr. port., Rio, 1954, p. 87 ss.

(44) E. Sapir — *A Linguagem, Introdução ao Estudo da Fala*, cit., p. 138-139.

Uma posição muito diversa foi a que tomou na América do Norte Leonard Bloomfield no sentido de um estruturalismo voluntariamente confinado ao que seria a forma externa para Humboldt.

Antes de apreciá-lo, observemos que com isso não se eliminou a busca de uma semântica em linhas estruturais.

As cogitações semânticas foram banidas da lingüística numa espécie de divisão de trabalho, em que o lingüista só reservou para si o estudo do material fônico e suas combinações, como sendo a língua em sentido estrito. O mundo semântico, que nela se reflete, foi atribuído exclusivamente à antropologia cultural. Esta, entretanto, depois de Boas e apesar da resistência de alguns discípulos ortodoxos, como Lowe, tomou de maneira geral uma orientação estruturalista.

A estruturação da cultura, que a antropologia cultural objetiva, vai confluir na estruturação da língua através do estudo interdisciplinar da etnolingüística, que é por assim dizer o denominador comum entre antropólogos e lingüistas na América do Norte.

O estruturalismo europeu, êste, já abordou a semântica dentro da lingüística. Criou o conceito de "campo semântico", que nos têrmos de Suzanne Ohman são "grupos orgânicos de palavras", quer do ponto de vista da constituição mórfica, quer do ponto de vista de significação (45), ou seja, "estruturas paradigmáticas", como já se disse na etnolingüística norteamericana (46).

VI — O MECANICISMO

A obra fundamental de Leonard Bloomfield é **A Linguagem**, que data de 1933 (47). Anuncia-se como a "edição revista" de um livro de 1914, intitulado **Introdução ao Estudo da Linguagem** (48), mas é completamente diferente, inclusive na orientação doutrinária.

Em 1914, Bloomfield, havia pouco voltado da Alemanha, apresentava-se como um discípulo de Wundt e ainda se mantinha no analogismo neogramático.

(45) Suzanne Ohman — "Theories of the Linguistic Field", *Word*, cit. 1953, 124.

(46) Ward Godenough — "Componential Analysis and the Study of Meaning", *Language, journal of the Ling. Soc. of America*, Baltimore (1956) v. 33, n. 1, 198.

(47) Leonard Bloomfield — *Language*, New York, 1933.

(48) L. Bloomfield — *Introduction to the Study of Language*, New York, 1914.

É verdade que Wundt, como psicólogo, contrapôs-se incisivamente a Herbart, que vimos ter inspirado os neogramáticos. Nesse sentido, tem uma psicologia lingüística muito diversa da de Hermann Paul e sustentou até uma polémica azêda com Delbrück, uma das figuras centrais do neogramaticismo. Enquanto Herbart partia dos fatos psíquicos individuais, Wundt propugnava por uma psicologia coletiva (al. **Volkspsychologie**) e dela deduzia as psiquês individuais.

Tratava-se, porém, de uma síntese em que os indivíduos eram vistos integrados e como que dissolvidos. Assim, a “alma coletiva” era entendida por Wundt à maneira do que o tem sido tradicionalmente a língua em face dos fatos da fala entre os indivíduos. Como para a língua, ainda se estava muito longe de um conceito de estrutura, que, como aqui se assinalou de início, é muito diverso do de síntese. Daí o julgamento de Cassirer:

“Em princípio, pouco importava que essas leis” (psicológicas) “se formassem nos termos da psicologia de Herbart (como sucedeu com Hermann Paul) ou nos da psicologia de Wundt. Em qualquer caso, o objetivo último era derivar as leis lingüísticas das ‘leis de associação’ e interpretá-las na mesma base” (49).

A Introdução ao Estudo da Língua de Bloomfield, em 1914, inspirada em Wundt, estava assim, necessariamente, longe de qualquer modalidade de estruturalismo.

O que levou Bloomfield ao estruturalismo, numa cabal mudança de posição que se consubstancia no livro de 1933, foi a tomada de contacto com o novo pensamento norte-americano, quer em lingüística, quer em psicologia.

Como sucedera com Sapir, êle recebeu de Boas, então, o estímulo para interessar-se pelas línguas indígenas americanas e para ver na lingüística um estudo latamente antropológico; mas, como igualmente sucedera com Sapir, desviou-se sensivelmente de Boas no sentido de uma linha estruturalista.

Para isso deve ter concorrido fortemente a obra de Sapir, seu colega e amigo, cujo formalismo vinha de longe. Simultaneamente, porém, pesou sobre Bloomfield a influência da psi-

(49) Ernst Cassirer — *The Philosophy of Symbolic Forms*, vol. one, *Language*, tr. ing., New Haven, 1953, p. 172.

ciologia do behaviorismo, lançada com êsse nome por John Watson e continuada por Max Meyer e Albert Weiss, principalmente. Bloomfield fêz-se um convicto behaviorista em psicologia, e à luz do seu behaviorismo filosófico passou a considerar a linguagem.

Ora, como sabemos, a filosofia do comportamento, ou **behavior**, desiste de explicar os fenômenos mentais em si mesmos. Concentra-se no estudo do comportamento humano, em que aquêles fenômenos se refletem.

Bloomfield transpôs essa atitude para a lingüística.

Ao mentalismo, ou estudo do **background** mental da linguagem, que procurara fazer de início na linha de Wundt, substituiu o que êle próprio chamou o mecanicismo. Entendia por essa denominação a estruturação de que resulta o sistema fônico de uma língua e o mecanismo das suas combinações mórficas e sintáticas. Dos segmentos fônicos, providos de valor gramatical, excluía os conceitos, que lhes dão êsse valor e criam a semântica. A própria frase, ou unidade de uma comunicação, era apreciada behavioristicamente pelos seus efeitos sôbre o ouvinte, e não por qualquer conteúdo imanente, como já ressaltai alhures :

“em Bloomfield assistimos a uma guinada, que afasta a a lingüística das lucubrações semânticas. Fica assim eliminada uma grande parte da filosofia de Sapir, que era em essência “mentalista”” (50).

Alguns discípulos de Bloomfield levaram essa posição às suas últimas conseqüências. Haja vista o livro de Zellig Harris sôbre **Métodos de Lingüística Estrutural** (51). Aí a exclusão das considerações de ordem semântica faz-se na base de uma generalização do método distributivo, proposto por Bloomfield. Consiste em determinar os morfemas não pelo seu sentido, mas sim pela sua distribuição nos textos lingüísticos. Uma palavra como **mar** se distinguirá de **terra** pelas frases em que pode figurar e de que **terra** está necessariamente banida.

Os próprios fonemas, que Bloomfield, como o círculo de Praga, identifica por meio da mudança de sentido que a troca de um pelo outro determina (pote : bote : mote, etc.), passam a se definir em função da sua distribuição obrigatória na sílaba e nos vocábulos.

(50) J. Mattoso Camara Jr. — “Panorama da Evolução...”, cit., p. 215.

(51) Zellig Harris — *Methods in Structural Linguistics*, Chicago, 1951.

O mecanicismo em regra foi bem menos radical do que isso e vem paulatinamente se modificando.

Os próprios psicólogos behavioristas, depois da fase inicial da escola, atenuaram muito a atitude intransigente em face do mentalismo.

“Na base de definições reportadas a condições objetivas estritas” — observa a êsse propósito Margaret Schlauch — “êles acharam lugar para o uso de termos como “propósito”, “conceito” e “consciência”, que tinham sido banidos pelos ingênuos mecanistas” (52).

De maneira geral, a atitude foi desde cedo, em princípio, a que estabeleceu Kroeber, pouco antes de morrer, ao prefaciar uma antologia de etnolinguística: “a relação da estrutura linguística com o sentido é um problema que afinal terá de ser admitido e atacado” (53).

O próprio Bloomfield não estava longe dessa posição. Quando considera a unidade de significação — ou “semema” —, ao lado da unidade mórfica, ou morfema, acena, ou pelo menos conta implicitamente, com a possibilidade de uma estruturação semântica, ou digamos, uma forma interna à maneira de Humboldt, ao lado da forma externa, que é a estrutura do enunciado lingüístico em seus morfemas. E não tem faltado uma investigação do semema numa orientação e técnica behaviorista, que parte da observação do comportamento dos interlocutores em face do que é comunicado.

Na realidade, o que caracteriza Bloomfield e sua escola, mais do que o decantado mecanicismo, é a convicção na natureza meramente relacional da linguagem.

Mostra-se Bloomfield muito incisivo a êsse respeito no tratamento do material fônico. Em divergência com Trubetzkoy, Jakobson e mesmo Sapir, parecem-lhe secundárias as qualidades dos sons. O fonema, para êle, é comparável a um sinal vermelho de trânsito, que independe da substância e pode provir de uma luz elétrica, de uma lâmpada a óleo, de uma bandeira e assim por diante (54).

(52) Margaret Schlauch — “Early Behaviorist Psychology and Contemporary Linguistics”, *Word*, cit., 1946, v. 2, n. 1, p. 33.

(53) A. L. Kroeber — “Foreword”, *Language in Culture and Society, a Reader in Linguistics and Anthropology*, ed. by Dell Hymes, New York, 1964, p. XVIII.

(54) Leonard Bloomfield — *Language*, cit., p. 80.

É nessa linha abstracionista que concebe a estrutura linguística e desenvolve a sua técnica de descrição gramatical. Do passado, êle vai se inspirar em Panini e na gramaticologia do sânscrito, em que uma indicação simbólica substitui a indicação dos fatos linguísticos concretos. Do presente, êle vai buscar apoio na matemática, que é a ciência das estruturas abstratas. A formulação algébrica, com o freqüente recurso das anotações da lógica simbólica, tornou-se assim usual na linguística descritiva norte-americana.

Não cabe aqui expor as diversas correntes que emanaram do ensino de Bloomfield, nem o desenvolvimento teórico e prático, posterior, com as contribuições de Harris, Bloch, Trager, Hockett, Hill, Pike, Gleason, para só citar algumas figuras que mais conspicuamente trabalharam na elaboração gramatical.

O que interessa mais pròpriamente registrar é o caráter estruturalista definitivo de tôdas essas abordagens mais ou menos "mecanicistas".

A língua foi vista numa hierarquia de estruturas superpostas, ou "níveis" (ing. **levels**) estruturais, referentes sucessivamente à fonologia, à gramática, ou "tática" formal, e à semântica, destacada como um **noli me tangere**. O linguísta procura situar-se sempre num nível determinado e evitar as interferências de níveis na descrição global da língua.

Ao mesmo tempo, levantou-se um problema epistemológico, qual é o de saber se a estrutura resultante dêsse trabalho de análise corresponde a uma realidade imanente ou é uma construção técnica que se projeta na substância linguística para melhor explorá-la.

Nos têrmos pitorescos de Fred Householder, que se tornaram logo populares na profissão, a estrutura depreendida pode ser "a verdade de Deus" (**God's truth**) ou um "arranjo de mágica" ("**Hocus-pocus**"). Esta segunda posição, nas palavras de Householder, leva "ao uso de um modelo analítico pré-estabelecido, a que o linguísta adapta dados selecionados da língua" (55). enquanto a convicção de que há só uma análise "correta" chama a atenção para os dados tais como se nos apresentam com as suas assimetrias e irregularidades.

(55) Fred Householder — "Rough Justice in Linguistics", *Monograph Series on Language and Linguistics*, The Institute of Language and Linguistics, Georgetown University, 9, 1957, pp. 154-155.

No chamado **hocus-pocus** impera, pois, a obsessão de chegar a um sistema. Pode trazer, como admite Householder, "conveniência metodológica e prazer estético", mas — como também adverte — não se confunde com a necessidade lógica e científica (56).

A lingüística norte-americana não costuma cingir-se estritamente ao conceito de sistema para a língua, como já ressaltamos. Mas com isso não se pressupõe necessariamente que a análise levará a uma "verdade de Deus". É inegável que o nominalismo filosófico, que está na base das manipulações do **hocus-pocus**, predomina no estruturalismo bloomfeldiano.

Nesse ponto êle se distingue essencialmente de Humboldt, de Saussure e mesmo de Sapir, que buscam implicitamente estruturas reais e objetivas.

VII — PSICOLOGIA E ESTRUTURA

É também do realismo imanente da estrutura que parte a teoria francesa de Gustave Guillaume.

Trata-se de um lingüista muito original, que passou praticamente despercebido em sua época, embora figuras eminentes, como especialmente Meillet, tenham lhe rendido o que em inglês se chamaria **lip service**, um aplauso convencional, saído só dos lábios, sem real simpatia e muito menos solidariedade.

É um estruturalismo de arcabouço psicológico.

Vimos que a psicologia serviu de base tanto ao analogismo de Hermann Paul como ao anomalismo de Vossler e continuou a favorecer o anti-estruturalismo na lingüística psicológica de Wundt. Não há, entretanto, inconciliação necessária entre estruturalismo e psicologia. Depreender a estrutura mental é o objetivo da **Gestaltpsychologie**, ou psicologia da forma, de origem alemã. Anàlogamente, a psicanálise desenvolveu-se de pressupostos estruturais e vê na patologia mental uma ruptura de sistema de relações que constituem o substrato do "Id".

Também o mentalismo de Sapir ia buscar no subconsciente e suas intuições as raízes da linguagem. Ansiava por uma psicologia profunda que pudesse servir de base à lingüística.

(56) Fred Householder — "Rough Justice in Linguistics", cit., p. 157.

“A psicologia corrente” — diz-nos êle — “não parece ser pròpriamente adequada para explicar como se constituem e transmitem êsses sistemas formais e submersos que se nos desvendam nas línguas do mundo”. E, numa crítica à psicologia associativa, prossegue: “Costuma-se dizer que muito cedo na vida se aprendem reações lingüísticas esporádicas e que, à medida que elas se radicam como hábitos adquiridos, se firmam outras reações formalmente análogas quando se torna necessário, mas de uma maneira puramente mecânica, em que precedentes específicos conduzem a novas reações. Ouvimos às vêzes dizer que essas reações por analogia são em grande parte resultantes de uma reflexão sôbre a utilidade que tiveram as primeiras, tiradas diretamente de ambiente social”. “A mim se afigura apenas” — objeta então — “que explicações dessa espécie são seriamente deficientes e não logram fazer justiça a um certo esfôrço inato de elaboração e expressão formal e a uma distribuição inconsciente dos elementos de experiência em grupos relacionais estruturados”. E declara enfim: “Tudo nos indica que as línguas devem ser os depósitos culturais, por assim dizer, de uma rêde vasta e cabal de processos psíquicos que ainda não nos foram claramente definidos” (57).

Gustave Guillaume subscreveria essa conclusão. Êsses processos intuitivos é que êle, em última análise, tinha em vista, como nos explica um rascunho de artigo, preparado para a publicação póstuma por Roch Valin, o mais ortodoxo do seu pequeno número de discípulos:

“Os lingüistas, levados por um positivismo, contrário na ciência da linguagem (onde a experimentação é impossível) ao verdadeiro realismo, restringiram dimensionalmente a realidade à visibilidade da observação direta, a das constatações que se devem aos olhos físicos da cara. Na era da experimentação triunfante, a visibilidade da compreensão, devida ao olhar afísico (aos olhos afísicos do espírito), não lhes serviu para nada; fêz questão de ignorá-la a doutrina lingüística reinante” (58).

A sua obra ficou substancialmente incompleta. Êle só desenvolveu com certo fôlego alguns problemas gramaticais, baseados na língua francesa, como a conceituação do artigo e a maneira de entender as categorias do verbo. Mesmo aí suas teses são pouco definidas e um tanto precárias.

(57) E. Sapir — “O Gramático e a Língua”, cit., p. 37.

(58) G. Guillaume — *Langage et Science du Langage*, Paris, 1964, p. 26.

Para a história e a compreensão do estruturalismo lingüístico, não obstante, Gustave Guillaume tem singular importância.

Ele foi o primeiro a procurar clara e coerentemente criar uma psicologia lingüística estrutural. Fê-lo pré-estabelecendo um sistema de forças (em seus termos, um “sistema cinético”) em ação no subconsciente dos falantes e ouvintes, coletivamente considerados. É o que chama a psico-mecânica da linguagem. São forças muito simples e intuitivas, explicadas frequentemente em formulação geométrica. Ele as reduz a rigor às noções de “antes” e “depois”, postas entre si em relação binária, dentro da concepção filosófica que vê no tempo e sua apreensão a base da vida mental. Até o sistema do artigo, em francês, com a sua mecânica de “particularização” e “generalização”, prende-se a essa “cosmogênese”, ou gestação da idéia temporal. Com mais razão ainda encontramos-na na maneira dele ver o aspecto, o modo e o tempo verbal. Para ele “representam uma única e mesma coisa, considerada em momentos diferentes da sua própria caracterização” (59).

Assim, à estrutura lingüística Gustave Guillaume sottopõe uma estrutura psíquica intuitiva, que é o verdadeiro objeto das suas lucubrações.

A uma e outra vê sob um processo de “transformação interna”, de que resultam os sistemas lingüísticos sincrônicos. As forças externas, de ordem histórico-social, podem romper um sistema lingüístico assim constituído, mas (é uma originalidade do pensamento estruturalista de Guillaume) só são arbitrárias em referência ao sistema, no primeiro momento em que atuam. Acha ele que elas logo se integram no sistema, “como se ele” (o sistema) “as tivesse racionalmente engendrado em virtude de seus próprios motivos”, donde a possibilidade de se justificarem dentro do sistema (60).

Fazem-se assim duas tentativas para resolver, respectivamente, duas dificuldades do estruturalismo lingüístico em face da história da língua. De um lado, há uma conciliação entre a idéia de sistema e a de mudança, o que vimos ter preocupado Saussure. De outro lado, há um esforço para superar

(59) G. Guillaume — *Temps et Verbe, théorie des aspects, des modes et des temps*, Paris, 1929, p. 11.

(60) G. Guillaume — *Temps et Verbe...*, cit., p. 5.

a antinomia entre mudança externa e mudança interna, pois o que provém do ambiente bio-social passa a logo participar do sistema.

VIII — A GLOSSEMÁTICA

Outra doutrina estruturalista que não ficou cabalmente desenvolvida foi a da glossemática de Louis Hjelmslev. Ao contrário de Gustave Guillaume, entretanto, teve uma enorme repercussão e se apresenta muito bem definida em seus lineamentos básicos.

Esboçou-se ainda, sem as características inconfundíveis que a marcaram em seguida, em dois **Ensaio**s do lingüista dinamarquês nas décadas de 20 e 30 sôbre a **Teoria dos Casos** e a **Gramática Geral** (61).

O seu objetivo básico é elaborar uma lingüística que se baste a si mesma, e separá-la nitidamente da psicologia. A seu ver, a ciência que estuda a atividade pela qual se comunica um conteúdo de consciência de um individuo a outro, não pode confundir-se com a ciência que se ocupa em examinar o próprio conteúdo da consciência humana (62).

Em ambos os trabalhos a linha saussuriana é franca e decisivamente adotada. Por ela se depreende um conceito de sistema, que transcende das consciências particulares dos falantes da língua e só o lingüista pode depreender através de hipóteses objetivas e isentas de idéias preconcebidas (63).

A oposição entre **langue** e **parole** de Saussure é substituída por uma divisão tripartida, em que, ao lado da **parole**, figura o **uso** (fr. **usage**) e a **norma** (fr. **norme**). O uso é a atualização da norma, que aqui é termo equivalente a estrutura. Assim, a lingüística, fixando a atenção na norma, pode abstrair melhor das concreticidades do uso as relações imanentes. Estas, em seu conjunto, associando-as implicitamente às relações matemáticas, êle vai chamar afinal, em vez de norma, "calculus".

(61) Loufs Hjelmslev — *Essai sur la catégorie des cas*. Kobenhaven, 1935. Id., *Principes de Grammaire Générale*, Kobenhaven, 1928.

(62) L. Hjelmslev — *Principes de Grammaire Générale*, cit., p. 24.

(63) L. Hjelmslev — *Essai sur la catégorie des cas*, cit., p. 88.

A doutrina de Hjelmslev não se confinou ao exame da língua oral. Evoluiu para uma ciência geral dos processos de comunicação, que denominou glossemática. Objetivou a apreensão de um **calculus** abstrato, comum a todos êsses processos.

Foi aceito deliberadamente, assim, o ponto de partida, já aqui aludido, que Saussure sugeriu quando colocou a lingüística na semiologia, concebida como “uma ciência que estuda a vida dos signos dentro da vida social” (64). Há apenas para ressaltar que Saussure fazia da semiologia uma parte da “psicologia social”, ao passo que Hjelmslev, como há pouco vimos, exclui do exame dos conteúdos de consciência, ou psicologia, a comunicação dêsses conteúdos através da linguagem.

Dentro do amplo plano glossemático desenvolveu-se uma distinção básica entre forma e substância.

Numa atitude implicitamente kantiana, Hjelmslev opõe à substância do mundo bio-físico a forma como construção humana, que nos permite compreendê-lo e integrá-lo em nossa cultura. Tal construção é o que êle chama uma teoria: “pode-se dizer” — explica — “que seu objetivo é obter um método processual, por meio do qual se pode descrever objetos de determinada natureza, de maneira consistente e exaustiva”, o que — acrescenta — “nos leva ao que em regra se chama o conhecimento ou a compreensão do objeto considerado” (65).

A forma ou estrutura é, assim, uma réde abstrata de relações que não depende sequer do meio concreto de que se serve — voz, grafia, gesto — para transmitir a compreensão de qualquer substância.

Estabelece-se uma forma no meio concreto utilizado para a comunicação, ou seja, uma expressão comunicativa. A ela corresponde outra forma, referente ao conteúdo da comunicação.

São essas formas da expressão e do conteúdo (não as substâncias de um e de outra) que se estudam na glossemática de Hjelmslev.

(64) F. de Saussure — *Cours de Linguistique Générale*, cit., p. 33.

(65) L. Hjelmslev — “Prolegomena to a theory of Language”, *Memoir 7 of International Journal of Amer. Linguistics*, Bloomington, 1953, p. 9.

A conseqüência, como comenta Alarcos Llorach, é a criação de uma álgebra lingüística. “Na análise do texto” — são as palavras de Llorach — “devemos reconhecer, por trás da substância acessível imediatamente à observação, uma forma lingüística; por trás do discurso, o sistema, que consiste em categorias” (66).

A generalização semiótica do quadro em que opera a glossemática, determinou uma reformulação do estudo estrutural no âmbito dos sons da fala, onde se criara o conceito relacional de fonema. Em vez dêle, passa-se a ter o cenema, termo derivado do grego *kenos* “vazio”, escolhido em virtude da característica essencial, que é a falta de conteúdo. É a unidade formal da expressão, de que o fonema, na língua oral, é um caso particular.

A crítica mais freqüente que se faz à doutrina de Hjelmslev, é a sua exagerada abstração em face da realidade. O reverso da medalha é a coerência e simplicidade estrutural a que se consegue chegar.

Por isso, Eugenio Coseriu aceita a glossemática, como um plano de abstração em que nos podemos colocar, quando convém depreender nitidamente as relações gerais, subjacentes na língua (67). Do mesmo ponto de vista, Bertil Malmberg estabelece uma escala de “níveis de abstração” no estudo da estrutura lingüística. Com o nível mais baixo, da mera análise física, contrasta o nível, estrutural por excelência, que põe de parte tôda e qualquer substância e é descrição puramente formal, “como” — exemplifica — “é o caso da glossemática” (68).

Podemos interpretar o segundo e o terceiro nível de abstração, de que nos fala Malmberg, como sendo respectivamente o do singelo registro do uso e o do estruturalismo não-glossemático, que se apóia exclusivamente na linguagem oral e procura estruturá-la em sua substância fônica.

(66) Emilio A. Llorach — *Gramática Estructural (según la Escuela de Cope. nhague y con especial atención a la lengua española)*. Madrid, 1951, p. 44.

(67) E. Coseriu — *Forma y Sustancia en los Sonidos del Lenguaje*. Montevideo, 1954, p. 55.

(68) B. Malmberg — *Structural Linguistics and Human communication*. Berlin, 1963, p. 112.

IX — O FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO

É preciso não esquecer que o conceito de estrutura lingüística está essencialmente ligado à compreensão do funcionamento da língua. As relações estruturais não existem no ar. Decorrem do papel que desempenham os seus termos opositivos no processo da comunicação.

Assim, vários lingüistas preferiram partir da função para a estrutura, criando uma modalidade de estruturalismo lingüístico que é o funcionalismo. “A rigor” — comenta Martinet, um dos que mais propugnam atualmente por essa orientação — “todos os “estruturalistas” levam em conta a função das unidades lingüísticas: destacar um traço como “distintivo” implica que a sua função é suficiente para torná-lo digno de interesse e para atribuí-lo a uma classe definida. Mas “— adverte — “uma tomada de consciência da transcendente importância da função em lingüística nos levará naturalmente a um maior respeito pela realidade” (69).

O funcionalismo parte naturalmente da frase, que é a realidade lingüística imediata. O padrão frasal, ou sintagmático, em vez do paradigmático, esta na base da estrutura funcional.

Só com isso, não obstante, não se sai do estruturalismo puro. Cria-se, dentro dêle, uma análise descendente — do conjunto para as unidades — que, na doutrina bloomfeldiana, aparece freqüentemente substituindo a marcha ascendente oposta. É, por exemplo, a essência da “tagmêmica” de Kenneth Pike, que se assenta no conceito de tagmema. O termo, que foi introduzido por Bloomfield para designar as relações sintáticas abstratas, é em Pike uma relação lingüística fundamental, com as suas casas ou posições (ing. **slots**), em que as unidades lingüísticas se colocam e conseqüentemente se estruturam entre si. (70)

Assim a morfologia e seus paradigmas desaparecem dentro da estrutura frasal.

(69) A. Martinet — *A Functional View of Language*. Oxford, 1962, p. 3.

(70) Cf. Benjamin Elson and Velma Pickett — *An Introduction to Morphology and Syntax*, Summer Inst. of Linguistics, Santa Ana, Cal., 1962.

É também a abordagem da língua pela frase que tem em vista a gramática gerativa transformacional. Ela ganhou os seus contornos definidos com as lucubrações de Noam Chomsky e alguns outros lingüistas norte-americanos.

O objetivo de Chomsky foi estabelecer uma teoria da criação das frases no intercurso lingüístico. A multiplicidade, praticamente infinita, das realizações possíveis, numa língua dada, é reduzida a um pequeno número de frases “nucleares” (ing. **kernel sentences**), e uma série de regras de transformação são apreendidas pelo lingüista para explicar qualquer enunciação que se “gera” a partir de uma delas. Tal é o programa exposto na obra básica de Chomsky sôbre as **Estruturas Sintáticas** (71), e desenvolvido na conseqüente atividade dêle e seus companheiros.

A língua é compreendida assim de uma maneira dinâmica, que nos lembra o famoso conceito de **energeia** de Humboldt. Concordando com a dicotomia saussuriana entre **langue** e **parole**, Chomsky adverte, num artigo escrito em colaboração com Morris Halle, que não aceita a limitação da língua de Saussure a um “sistema de elementos”, “mas também a considera um sistema de regras” (72).

A gramática transformacional adota uma técnica de exposição algébrica, que recorre à lógica simbólica da escola de Carnap.

Essa teoria pode ser considerada funcional na medida em que se reporta fundamentalmente à atividade lingüística e vê, pois, a língua em seu funcionamento. Criou até um conceito de “gramaticalidade”, que é no fundo a adequação do que é enunciado a uma situação dada.

Fica, entretanto, a meio caminho do funcionalismo, em virtude da generalização de suas regras, que pairam muito acima de situações sociais concretas. Por isso, não conseguiu firmar com precisão o seu conceito da “gramaticalidade”. A “ingramaticalidade”, que equivale a significação absurda, depende, não poucas vêzes, apenas da situação e do contexto, como observou John Nist na sua recente crítica de Chomsky (73).

(71) Noam Chomsky — *Syntactic Structures*, 'S-Gravenhage, 1963.

(72) N. Chomsky e Morris Halle — “Some controversial questions in phonological theory”, *Journal of Linguistics*, London (1965) v. 1, n. 2, 99, n. 2.

(73) John Nist — “A critique of Generative Grammar”, *Linguistics, an International Review*, Mouton, Co., The Hague (1965), 19, 106.

É, com efeito, importante para a visão funcionalista a relevância dada às situações em que as frases se manifestam. Nos termos de M.A.K. Halliday, a língua fica entendida como “ruído organizado em situações”, ou ainda melhor, “sons sistemáticos contextualizados” (74).

Nesse sentido, a estilística de Bally era no fundo uma técnica funcional. Bally não executou, porém, a síntese entre o seu estruturalismo gramatical e o seu **approach** estilístico anterior, para daí tirar um rigoroso funcionalismo.

Mais decididamente, é dessa natureza a doutrina lingüística inglêsa, desenvolvida por J.R. Firth, da Universidade de Londres, e um ponderável grupo de discípulos, entre os quais Halliday há pouco aqui citado.

Firth foi declaradamente influenciado pelas idéias de B. Malinowsky sobre a linguagem, expostas principalmente num apêndice ao livro **O Sentido da Significação** de Ogden e Richards (75). Aí, como depois em **Jardins de Coral e sua Mágica** (76), o famoso antropólogo anglo-polonês expõe a sua concepção etnográfica da linguagem, baseada na importância decisiva do “contexto social” para a interpretação e análise de qualquer enunciação lingüística. É uma extensão da atitude que o caracteriza dentro da antropologia cultural lata, onde justamente contrapõe o funcionalismo a outras correntes doutrinárias coevas. Para êle, tôda a cultura constitui um sistema fechado de funções, que se condicionam umas às outras. Só se pode depreender essas funções, e portanto compreender a cultura, na dinâmica dos contextos sociais em que elas se revelam. Da mesma sorte, a língua, como traço social e cultural, é essencialmente atividade dentro de situações concretas.

Dêsse ponto de vista, a semântica, posta de lado pela escola de Bloomfield, se torna, ao contrário, primacial na

(74) M. A. K. Halliday — “Linguistique Générale et linguistique appliquée à l'enseignement des langues”, *Etudes de Linguistique Appliquée*, Escaçon 1962, 1, 6.

(75) J. R. Firth — “The Semantics of Linguistic Science”, *Lingua, International Review of General Linguistics*, Haarlem, (1948), I, 4, 399.

(76) B. Malinowsky — “The Problem of Meaning in Primitive Languages” suppl. I, C. K. Ogden and I. A. Richards, *The Meaning of Meaning*, New York, 1938. B. Malinowsky — *Coral Gardens and their Magic*, London, 1934, v. II, part IV.

análise lingüística. É, contudo, uma "significação contextual" que Firth tem em vista. Está ligada ao momento e à situação em que cada elemento lingüístico é usado.

"A análise espectral" — diz-nos êle — "se assegura da realidade social dos dados, no nível sociológico, antes de proceder à desintegração da intenção significativa total" (77).

Por isso, ainda, a idéia de sistema em lingüística e em sociologia adquire uma compreensão nova.

"Tais sistemas" — explica — "se mantêm pela atividade e na sua atividade é que devem ser estudados" (78).

Um traço característico da doutrina de Firth, que pertence a êsse quadro interpretativo geral, é em fonologia a ênfase dada à "análise prosódica" em detrimento da análise em fonemas. A sílaba, como unidade fonológica ativa, é configurada em seus constituintes prosódicos, ou simplesmente "prosódias", como a intensidade, a quantidade, o tom, e passa a centro da análise fonológica. Foi o que fêz um lingüista firthiano para a língua indígena brasileira tereno (79).

O programa de Firth leva à obliteração da dicotomia saussuriana entre **langue** e **parole**, que êle, com efeito, não considera válida (80).

Ela está, entretanto, no cerne de qualquer orientação estruturalista. A **langue** para Saussure era o sistema e se opunha, como tal, ao caráter assistemático e heterogêneo da **parole**. Como tal, ainda, coincide com o padrão, ou **pattern**, que têm em mira os estruturalistas e norte-americanos desde Sapir. Ora, buscando-se a **langue** como padrão ou em outros termos, a estrutura, tem de se proceder a uma abstração em face dos dados concretos de uma "situação contextual".

Nem o estruturalismo de Firth foge p.ròpriamente a isso.

(77) J. R. Firth — "Atlantic Linguistics", *Archivum Linguisticum, a Review of Comparative Philology and General Linguistics*, Glasgow (1949), v. 1, fcs. 2, 114.

(78) J. R. Firth — "The Semantics of Linguistic Science", *Lingua*, cit. 398.

(79) John T. Bender-Samuel — "Some problems of Segmentation in the Phonological Analysis of Terno", *Word*, cit., v. 16, n. 3, 348 ss.

(80) J. R. Firth — "The Semantics of Linguistics Science", *Lingua*, cit., 400.

“Dessa atividade” (lingüística) — admite — “pode-se fazer abstração dos constituintes do contexto e considerá-lo em suas relações mútuas” (81).

Na realidade, não há pròpriamente conflito entre estrutura e função. “A estrutura da linguagem está a serviço do funcionalismo”, como adverte Mikus (82). Se Martinet, como vimos, advoga uma atitude funcionalista explícita, é mais, a rigor, por motivos de conveniência (“... nos levará naturalmente a um maior respeito pela realidade”). Ele mesmo declara alhures que “estruturalismo e funcionalismo caminham lado a lado” (83).

X — O ESTRUTURALISMO DIACRÔNICO

A orientação estruturalista surgiu, como vimos, com a reivindicação de uma lingüística descritiva.

Saussure, a rigor o primeiro estruturalista ostensivo, só o foi como sincronista. A mudança lingüística, como já foi aqui ressaltado, lhe parecia uma ruptura do sistema por fôrças externas. Por isso, na diacronia manteve a posição anterior dos neogramáticos.

Até hoje, há correntes estruturalistas que não saem da sincronia. Assim foi a de Bally, a de Hjelmslev e a de Firth, bem como a de uma grande parte dos bloomfieldianos. Gustave Guillaume só esfrolou a diacronia com a sua teoria esquemática da simbiose entre mudança externa e mudança interna, a que já nos referimos. Também a gramática transformacional de Chomsky se circunscreve na sincronia, embora contenha ampla possibilidade de desenvolvimento diacrônico.

É expressivo, não obstante, que um dos primeiros discípulos de Saussure, Antoine Meillet, comparatista e lingüista histórico, tenha aproveitado o estruturalismo saussuriano para uma nova visão da diacronia da linguagem. Meillet interpreta a evolução lingüística como a passagem de um estado de língua a outro, em vez do fluir contínuo em que em nenhum momento há ensejo de estruturação, como é a visão neogramática estrita. Assim, concilia a sincronia e a diacronia, nos têrmos de Saus-

(81) J. R. Firth — “The Semantics of Linguistic Science”, *Lingua*, cit., 397.

(82) F. Mikus — “En marge du VI Congrès International des Linguistes” (Paris 1948), *Miscelânea — Homenaje A. Martinet, Estructuralismo e História*, 1957, p. 176.

(83) A. Martinet — “Où en est la phonologie?”, *Lingua*, cit., I, 1, 39.

sure, dentro de um nôvo quadro teórico. Mais do que isso, porém, depreende o trabalho de reajustamento incessante dos sistemas lingüísticos, o que é para êle a causa primordial da evolução. A marcha do indo-europeu para o latim e afinal as línguas românicas, por exemplo, lhe aparece como o desdobramento de fôrças estruturais.

“Tôda língua” — proclama — “possui a necessidade de certas mudanças” (84).

Tal orientação e a que continua e se aprofunda com o seu discípulo polonês Jerzy Kurylowicz, para quem

“a hierarquia existente entre as partes de um sistema lingüístico é o único fator que dita a **direção**” (em grifo) “do seu reajustamento” (85).

Anàlogamente, Sapir envolveu a história da língua numa ampla visão estrutural. Para êle, a língua obedece a uma “derivada” e é uma estrutura em permanente elaboração. Nesse sentido, rejeita a separação entre lei fonética e analogia, insistindo nas “relações fundamentais” entre fonética e gramática e “suas respectivas histórias” (86). No bôjo dessa concepção, estava a reformulação da lingüística histórica em linhas estruturais. Sapir nunca a estabeleceu na devida amplitude. O seu pensamento a respeito ficou, contudo, bem ilustrado na explicação que nos oferece dos plurais de flexão interna em inglês (87). Na lingüística contemporânea norte-americana, Henry Hoenigswald seguiu a sugestão de Sapir, estabelecendo os fatores da “cisão” (ing. **split**) e da “coalescência” (ing. **merger**) em qualquer mudança lingüística, seja fonológica, morfológica, sintática ou lexical. Trata-se sempre, diz-nos êle, de uma “substituição de padrão” que em certo grau é até “predizível” (88).

Em regra, o estruturalismo diacrônico tem-se concentrado no plano fonológico, da mesma sorte que a lingüística histórica empírica anterior, evolvera as suas “leis” dentro da fonética.

(84) A. Meillet — *Esquisse d'une histoire de la langue latine*, 1931, p. 234.

(85) J. Kurylowicz — *L'accentuation des Langues Indo-Européennes*, 1958, p. 5.

(86) E. Sapir — *A Linguagem, Introdução ao Estudo da Fala*, cit., p. 184.

(87) E. Sapir — *A Linguagem, Introdução ao Estudo da Fala*, cit., p. 173 ss.

(88) H. Hoenigswald — *Linguistic Change and Linguistic Reconstruction*. Chicago, 1960, p. 14.

Jakobson, no círculo de Praga, reivindicou desde cedo a necessidade de estudar em linhas estruturais a evolução fonética, criando-se assim a fonologia histórica. Já é esta a posição no Manifesto do Círculo, em 1928, no Primeiro Congresso Internacional de Linguístas, por êle redigido, embora coletivamente assinado por êle, Karcevsky e Trubetzkoy. É mesmo essa uma divergência implícita entre Trubetzkoy e Jakobson no tratamento da fonologia.

“Coisa curiosa” — comenta a propósito Paule Ivitch — “Trubetzkoy sofreu um desenvolvimento comparável ao de Saussure: no seu período pré-estruturalista foi diacronista, e, como estruturalista, concentrou-se na sincronia. No grande duo de Praga, foi Jakobson que dedicou uma parte substancial de suas energias à fonologia diacrônica” (89).

O Círculo de Praga, com êle e com os simpatizantes holandeses do Círculo, N. van Wijk e H. — J. Pos, tomou uma marcada orientação teórica em diacronia estrutural. Procurou-se depreender a teleologia das mudanças.

Nesse ponto, Jakobson trouxe para o estruturalismo diacrônico a idéia da difusão de traços fonológicos numa área de línguas distintas.

O conceito de difusão surgira muito antes como uma explicação geral das mudanças lingüísticas. Era, a rigor, uma reação ao organicismo de Schleicher, que via na história das línguas um processo de “crescimento” interno, à maneira do de uma planta. Trubetzkoy e Boas admitiram francamente a difusão de traços fônicos.

Em face do conceito de sistema lingüístico, estritamente considerado, dificilmente se explicaria a difusão. Um sistema “où tout se tient” não poderia receber tal intromissão sem uma resistência decisiva e, por assim dizer, mecânica. Não assim porém, se se entende com V. Polák, do Círculo de Praga, que

“a estrutura lingüística nunca se apresenta como uma coisa feita e acabada” e há sempre “uma assimetria inerente que permite entrarem em jôgo as estruturas estrangeiras” (90).

(89) Pavle Ivitch — “Roman Jakobson and the Growth of Phonology”, *Linguistics, an International Review*, cit., (1965), 18, 39.

(90) V. Pollák — “Intervention”, *Actes du Sixième Congrès International des Linguistes, Paris, Juillet 1948*. Paris, 1949, p. 334.

A respeito dessa feição do estruturalismo de Jakobson, já tive ocasiãc de fazer o seguinte comentário:

“O difusionismo é típico do estudo lingüístico na antropologia moderna. Na América encontra-se em Boas, por exemplo, Influencia muitos lingüistas modernos, como Uhlenbeck e Pisani. Tornou-se freqüente na lingüística russa; basta lembrar a abstrusa doutrina de Marr, que se radica aí. Foi um *leitmotiv* nos estudos indo-europeus e eslavos de Trubetzkoy. Jakobson, entretanto, nos oferece uma nova versão. É um estruturalismo difusionista, por assim dizer, onde o empréstimo vem em socorro de necessidades estruturais e a difusão entra numa ampla teoria teleológica da evolução lingüística, considerada do ponto de vista estrutural” (91).

É êste pensamento que está no cerne da doutrina, desenvolvida posteriormente, por Uriel Weinreich a respeito dos contactos de línguas.

Weinreich insiste no conflito que se estabelece para o bilíngüe entre as estruturas fonológicas que tem à sua disposição, conforme a língua que usa. A interferência de uma na outra é estimulada por certas necessidades estruturais. Em seus próprios têrmos, o contacto corresponde a um “gatilho” atuante, que apressa uma solução, “libertando” tendências latentes (92).

Outra contribuição de grande importância para a fonologia histórica em linhas estruturais é a de André Martinet.

São essencialmente três as fôrças que lhe parecem reger a evolução fonológica. A fôrça estrutural, propriamente dita, é o trabalho incessante de “integração”, no sistema fonológico, dos fonemas mais ou menos aí isolados. Fica implícita assim a concepção de um “sistematóide”, nos têrmos já aqui apreciados de Glinz, em vez de um sistema fonológico em sentido rigoroso.

Em toda estrutura de fonemas há, segundo Martinet, elementos que se relacionam a outros ou entre si de uma maneira plurivalente e um tanto incerta. Alguns podem até ser francamente “erráticos”, isto é, sem uma posição fixa na rêde de relações vigente. Daí decorre um mecanismo de “atração”

(91) J. Mattoso Camara Jr. — “Review”, *Word*, cit. (1964), v. 20, n. 1, 84.

(92) U. Weinreich — *Languages in Contact, Findings and Problems*. N. Ycrk, 1953, 25.

dêsses elementos por parte dos feixes de relações mais firmes, sem nunca se chegar a um momento de plena simetria e estabilidade.

Martinet leva em conta ainda uma condição, que é de ordem psicológica, embora êle assim não a defina. Faz dela até, a rigor, a essência da sua teoria diacrônica, resumindo-a no título da sua obra fundamental (93).

Trata-se da busca permanente do homem para a economia dos seus esforços. Desta sorte, encaixa-se na problemática estruturalista uma das "causas" da evolução fonética mais repetidas desde o século XIX, sob o nome de "lei do menor esforço". Deve-se atentar que ela se harmoniza bem com a orientação funcionalista de Martinet, já aqui ressaltada.

No uso da estrutura, pesa predominantemente o rendimento funcional das distinções que ela estabelece. Haverá um trabalho incessante para eliminar distinções de rendimento baixo e aproveitar ao máximo as que são muito rendosas, por assim dizer, na atividade falante. A margem de variação de um fonema, por outro lado, fica também sujeita ao princípio da economia. A preferência tende para os tipos de articulação mais econômica dentro da área articulatória que as relações estruturais reservam ao fonema. Daí decorre o que Martinet denomina o deslocamento do campo de articulação normal de um fonema,

"de sorte que a margem de segurança, que o separa de seus vizinhos, cresce ou decresce" (94).

Entra finalmente em consideração a circunstância, de ordem biológica, que Martinet define como "a assimetria dos órgãos fonadores" (95).

É, em última análise, o reconhecimento do princípio antropológico geral de que os fenômenos culturais não são necessária e exclusivamente determinados pelos fatores orgânicos e pode haver um conflito latente entre êstes e a cultura.

No caso específico, trata-se de estruturas fonológicas que se adaptam mal à anatomia e fisiologia da bôca e dos outros órgãos humanos para servir à fonação.

(93) André Martinet — *Economie des Changements Phonétiques*. Berne, 1955

(94) A. Martinet — *Economie des Changements Phonétiques*, cit. p. 49.

(95) A. Martinet — *Economie des Changements Phonétiques*, cit. p. 95.

“As próprias articulações” — diz-nos Martinet — “podem entrar em conflito, se utilizam órgãos muito próximos”. “O mais das vezes” — acrescenta — “a incompatibilidade será de ordem acústica, isto é, os ouvintes terão dificuldade em perceber uma diferença entre diversas combinações do mesmo tipo, pelo menos nas condições ordinárias da fala, que não são sempre acusticamente ideais” (96).

A essas três forças internas, isto é, lingüísticas, para explicar as mudanças fonológicas, Martinet ajunta complementarmente forças externas, determinadas pelo ambiente físico, e, sobretudo, pelo contexto histórico-social da língua.

Como Jakobson êle admite a importância do empréstimo.

Há, entretanto, entre os dois estruturalistas uma diferença notável de atitude neste particular. Martinet não é propriamente difusionista, pois não vê a difusão como princípio regular e permanente nos contactos entre línguas. Por outro lado, o fator histórico-social lhe aparece principalmente sob o antigo conceito de “substrato”, que para Jakobson, ao contrário, “é um termo ambíguo” e deve ser justamente substituído pelo conceito amplo de difusão (97).

Há atualmente uma já apreciável literatura de fonologia diacrônica, que Alphonse Juilland compilou, até 1953, numa cuidadosa bibliografia (98). As doutrinas de Jakobson e Martinet, com sua concordância geral estruturalista e suas discordâncias de abordagem e filosofia lingüística, ficam como contribuições fundamentais e fontes, explícitas ou implícitas, do que se tem feito recentemente no âmbito do estruturalismo diacrônico.

XI — CONCLUSÃO

Ao concluir, reportemo-nos à asserção de Hrabák, citada inicialmente.

Como o estruturalismo não é tão somente um método ou mesmo uma doutrina, pudemos encontrá-lo com métodos muito diversos e sob doutrinas muito variadas no rápido e desprezioso caleidoscópio, que foi esta Comunicação.

(96) A. Martinet — *Economie des Changements Phonétiques*, cit., p. 98.

(97) R. Jakobson — “Discussion”, *Linguistic Circle of New York, Bulletin*, 1, n. III-IV, New York (1944), 21.

(98) Alphonse Juilland — “A Bibliography of Diachronic Phonemics”, *Word*, cit., v. 9, n. 2 (1953), 198-208.

Como é, antes de tudo, um ponto de vista epistemológico, estende-se contemporaneamente a tôdas as áreas do conhecimento humano. Nêle se manifesta uma feição de nosso tempo, que vai das ciências físicas à arte.

No “Retrospecto”, que fecha o primeiro volume de seus **Escritos Escolhidos**, Jakobson reconhece na elaboração do seu pensamento o estímulo de umas e de outra.

“Aquêles dentre nós que se interessavam com a linguagem” — relembra êle, evocando a sua mocidade universitária em Moscou— “aprenderam a aplicar o princípio relacional nas operações lingüísticas; éramos consistentemente atraídos nessa direção pelo desenvolvimento espetacular da física moderna e pela teoria e prática pictórica do cubismo, onde “tudo se baseia numa relação” e numa interação das partes e do todo, da côr e da forma, da representação e do que é representado”. E cita-nos então a famosa frase de Braque: “Eu não creio nas coisas, só creio nas relações entre elas” (99).

Nesse sentido, vale assinalar a crítica literária, que tem tantos pontos de contacto com a lingüística.

Foi dos filólogos, ou seja, dos que estudam a linguagem pela abordagem da literatura, que partiu inicialmente a grande resistência ao movimento do estruturalismo lingüístico.

Não obstante, a orientação estrutural vem se impondo cada vez mais na crítica literária e na teoria da literatura. Não só na estrita expressão lingüística, que é apreciada como “o estilo”, mas em todos os seus constituintes, a obra literária é vista, numa “ordem cósmica”, nos têrmos da filosofia grega já aqui referidos. Entende-se como um pequeno universo estruturado, “où tout se tient”.

Mas isso já é outra história, como diria o rapsodo do **Livro do Jungle** de Kipling. E uma história que não cabe a mim relatar, pois não se passa no meu **jungle**.

INTERVENÇÕES:

Prof. NELSON ROSSI

1) — O radicalismo de Chomsky não seria válido para as possibilidades de automação do material lingüístico?

R. — Sim, é justamente isso que se está desenvolvendo agora dentro do transformacionismo. A falha de Chomsky é que êle não procura estabelecer contextos e a gramaticalidade e a agramaticalidade são conceitos relativos, dependentes da situação e do contexto. Por exemplo: a expressão “idéias verdes”, que poderia ficar bem numa poesia simbolista, evidentemente não caberia numa conversa, com o sentido de “idéias não amadurecidas”. O mesmo se dá com determinadas construções. Costuma-se dizer que, em português, o adjetivo tem posição livre em relação ao substantivo, o que não é exato. A posição normal do adjetivo é depois do substantivo, mas em certos contextos o adjetivo pode anteceder-lo. O indivíduo que numa loja pedisse um “azul fazenda” ou um “prêto chapéu” seria totalmente agramatical. Entretanto Bilac escreveu: “beija-lhe as verdes algas”. A posição do adjetivo antes ou depois do substantivo é a base do jôgo sutilíssimo de que se vale Machado de Assis ao fazer Brás Cubas declarar que não é um “autor defunto”, mas um “defunto autor”. Partindo de uma posição normal do adjetivo depois do substantivo, emprega no primeiro caso **autor** como substantivo e **defunto** como adjetivo (um autor que morreu), invertendo os valores no segundo (um defunto que escreve). Trata-se de uma atitude que não chega a ser agramatical por ser estilística.

Prof. ARYON DALL'IGNA RODRIGUES

2) — Qual o pensamento de Chomsky em relação ao conceito de **langue/parole** de Saussure?

R.) — Respondendo a uma crítica de A. Robert, num artigo recente no **Journal of Linguistics**, diz Chomsky que adota o conceito de Saussure ressaltando, porém, que a **parole** e a **langue** não são apenas relações de elementos. A **langue** são regras, quer dizer, coisa dinâmica. E procura deduzir essas regras que estão na intuição do falante, sendo automaticamente aplicadas na construção das frases. O indivíduo fala sem o menor esforço aplicando intuitivamente uma regra de transformação da qual não tem a menor noção e o lingüista faz

um esforço enorme para deduzir a regra que justifica o resultado obtido. O grande problema que preocupou Chomsky foi no fundo um problema **mentalista**, sendo, por isso, atacado por alguns adeptos ortodoxos de Bloomfield. Ele quer explicar como a mente de um falante é capaz de produzir uma infinidade de frases. Deduz que a base é um pequeno número de regras muito simples aplicadas automaticamente, intuitivamente. Procura então deduzir o automatismo do próprio falante.

Prof. ADRIANO DA GAMA KURY

3) — A dicotomia diacronia/sincronia é o fundamento do estruturalismo? Negá-lo é negar o estruturalismo?

R.) — Muitas vêzes há uma confusão entre o estruturalismo, a estrutura e aquilo que eu chamei síntese. A estrutura é a relação; a coisa não existe em si, existe apenas como relação. Ao passo que a síntese reúne as coisas num denominador comum; são duas coisas diferentes e às vêzes o lingüista se apresenta como estruturalista quando êle é apenas sintético. Com Wartburg talvez se note isso; o que êle chama de estruturalismo não é bem estruturalismo, é mais um espírito de síntese. Wartburg não nega propriamente a dicotomia diacronia-sincronia. Êle acha que os dois elementos se complementam e então estabelece um conceito que êle chama pancronia, no qual joga com os dois elementos. A pancronia seria a síntese da oposição entre a sincronia e a diacronia, como tese e antítese. Isto não é propriamente negar Saussure porque o que êle rejeita é usar-se argumento diacrônico para uma explicação sincrônica ou usar elemento sincrônico para uma explicação diacrônica. Por exemplo: o Prof. Oiticica dizia que o verbo **comer** era um verbo sem raiz porque **com** é prefixo. Raciocínio diacrônico sem cabimento na descrição sincrônica: se **com** é prefixo com idéia de reunião e **er** é a flexão, nós temos que **comer** não quer dizer coisa nenhuma. (O conferencista comenta ainda explicações dadas a respeito da etimologia de **desabrido**, do plural dos nomes terminados em **ão**, mostrando a impossibilidade de se trazer explicação diacrônica para plano sincrônico. Ao seu ver, as alegações de que a explicação sincrônica não serve, sendo preciso explicação diacrônica, decorrem de um ponto de vista falso. Afirma ainda ser preciso considerar que uma explicação diacrônica parte de uma explicação sincrônica. Dizemos que em português temos três conjugações verbais que se derivam das quatro conjugações latinas; mas as quatro conjugações latinas constituem uma apresentação sincrônica dentro do próprio latim, porque no indo-europeu a coisa era outra. O mesmo se dá quando dizemos que os seis casos latinos se reduziram a um em português; partimos da sincronia latina porque no indo-europeu havia o instrumental que desapareceu em latim. Enquanto que a confusão da explicação sincrônica com a diacrônica é condenável, a pancronia estabelecida por Wartburg

parece justa, é uma síntese global, a explicação cabal, como um edifício de que só se tem uma idéia completa vendo-se as duas fachadas).

Prof. ATALIBA T. DE CASTILHO

4) — Pediria ao Prof. Mattoso que referisse aos presentes os estudiosos estruturalistas da língua portuguesa.

R.) — Eu acho que no Brasil há apenas dois, e estão aqui presentes: eu e o Prof. Aryon Rodrigues. Acho que não falseio o pensamento de alguns classificando-os como estruturalistas. Em Portugal há o Dr. Herculano de Carvalho. Lütcke é um alemão que esteve algum tempo em Portugal e deu uma abordagem estruturalista. Fora daí, em Portugal a atitude é anti-estruturalista; o Dr. Paiva Boléo, por exemplo, é um idealista, está mais francamente filiado à escola de Vossler. Lindley Cintra é do historicismo lingüístico espanhol de Menéndez Pidal, a que me refiro no relatório, como sendo justamente anti-estrutural porque os anomalistas que no fundo são, eles todos, não vêem sequer na língua um objeto de estudo em si mesmo e nem sequer vêem a síntese que é a língua. Eles vêem apenas os fatos os atos da linguagem, isolados e não vêem unidade, um denominador comum. Eles estudam a língua através de outra coisa relacionada com a língua. Schuchardt, por exemplo, desenvolveu o estudo das **palavras e coisas** através da etnografia. Menéndez Pidal estuda a língua através da História, História Política, História Social e Política, que é portanto uma atitude anti-estruturalista e é a linha declarada pelo Prof. Lindley Cintra. Como orientação já literária, fora da Lingüística propriamente dita o Prof. Prado Coelho tem uma formação estrutural na crítica literária. Não vejo outras figuras que estejam, pelo menos declarada e claramente, com orientação estruturalista.

Prof.^a MARIA TERESA CAMARGO

5) — Pede comentários sobre a oposição que Hjelmslev faz entre forma e substância.

R.) — Dentro da língua, por exemplo, na parte da fonologia, a substância é a emissão vocal ou na escrita a substância é o papel, o elemento em que se escreve. A forma é a estrutura que se tira da substância. Dizemos justamente que há uma relação permanente quando a substância é Maria. Por exemplo, eu tenho uma vogal **a** e tenho uma letra **a**; numa a substância é acústica e na outra é visual; há uma relação entre a vogal **a** e outras vogais em função da articulação, da emissão vocal. E há uma diferença em função da forma gráfica. Essa é a idéia de substância e forma. Hjelmslev diz que a língua

é antes de tudo forma, relega para o plano secundário a substância ao contrário dos outros lingüistas que diziam que a língua é essencialmente oral e tudo o mais são sucedâneos da língua oral, da linguagem oral. Ele acha que o que há de fundamental é apenas um sistema de relações comunicativo e que esse sistema de relações pode se praticar oralmente ou gráficamente ou mímicamente e é sempre a língua, o conceito, é o glossema.

Profª MARIA TERESA CAMARGO

6) — Há possibilidade de esquematizar os campos semânticos em estruturas?

R.) — A semântica me parece que é mais fácil e aliás uma das contribuições mais fecundas é a de Hjelmslev para o campo semântico, o que veio aliás desmentir a alegação que se faz de que Hjelmslev não leva em conta a semântica, como declara, por exemplo, o Prof. Sílvio Elia nas suas **Orientações da Lingüística Moderna**. Isso não é exato, Hjelmslev trouxe uma contribuição enorme para o estudo estrutural e eficiente da semântica. Numa comunicação apresentada no Congresso de Oslo êle estuda até que ponto a significação das palavras pode ser estruturada. Êle parte justamente desta distinção entre substância e forma; a significação é um sistema de relações formais. Por exemplo; nós temos uma palavra como **cadeira** em português; ela corresponde a uma porção de objetos completamente diferentes entre si; mas há uma relação comum e isso é que dá a significação de cadeira. Então êle mostra como de uma língua para outra a forma varia mas a substância é sempre a mesma. Em questão de cores, por exemplo, nós temos o negro e o azul; nas línguas jê o **tuc**, que é negro e azul-marinho; e há outra palavra para designar o azul claro. Isto quer dizer que a forma está diferente. Então uma coisa que para nós é azul escuro, para o jê é **tuc** e uma coisa que para o jê é **tuc**, para nós é preto. Nós estabelecemos uma distinção quando êles estabelecem uma unidade. Entretanto não vamos dizer que o índio jê, por uma deficiência oftalmológica, não sabe distinguir o azul escuro do preto, e distingue demais o azul claro do escuro. As cores são as mesmas, o globo ocular é o mesmo, a reação visual é a mesma em todos os povos; agora, a forma da língua é diferente, quer dizer, a maneira de dispor, de relacionar aquelas manifestações de substâncias é que é diferente; por isso vamos ter denominações diferentes.

Prof. INACIO ASSIS DA SILVA

7) — Saussure não usa a palavra "estrutura", porém emprega "sistema" com o sentido de estrutura fechada. Esse fechamento da estrutura é periférico, ou há no sistema pontos vazios que possam vir a ser preenchidos?

R.) — A idéia de sistema supõe uma coisa cabal, completa. É o caso, por exemplo, de uma figura geométrica, que forma um sistema; um polígono é completo. Agora, o que alguns desenvolvem está muito explícito em H. Glinz, naquele livro sobre a forma interna do alemão, que é um sistema incompleto, é um sistema em elaboração, ele diz um “sistema-tóide”. O próprio Saussure usa uma terminologia paradoxal quando nos fala num sistema caótico. Se é caos não é sistema; mas ele tinha justamente em vista esse sistema que é desagregado pelas forças externas que não permitem que o sistema se mantenha inteiro. Faço distinção entre “sistema” e “estrutura”. Considero o termo “estrutura” mais condizente com a natureza da língua do que o termo “sistema”. Se partirmos da idéia de estrutura e não da idéia de sistema, podemos compreender melhor a linguagem do que partindo da idéia de sistema. É claro que dentro de estrutura lingüística pode haver sistemas. Dentro da organização gramatical, por exemplo, temos um sistema de vogais perfeitamente fechado, mas já no caso das consoantes não há bem um sistema, porque já há um certo desequilíbrio. As consoantes líquidas, por exemplo, não têm a mesma disposição das oclusivas e constrictivas.

MARIA ANTONIETA ALBA CELANI

8) — O que pensa dos lingüistas que se dizem ecléticos?

R.) — A posição deles não é eclética. O que eles chamavam posição eclética é uma posição justamente que não tem nada de um pensamento estruturado. O indivíduo colhe idéias esparsas e procura apresentar aquilo reunido, sendo esse o conceito de ecletismo. Agora, o fato de uma pessoa desenvolver um pensamento, uma filosofia, sobre qualquer assunto aproveitando idéia de outro, mas dando uma homogeneidade, uma estrutura própria, não é uma posição eclética. Martinet, dizendo que estava numa posição eclética, não está fazendo justiça a si mesmo. Ele não é eclético; tem um pensamento próprio no qual procura reunir uniformemente coisas de origens diversas. No fundo todo pensamento humano apresenta isso. Ecletismo é outra coisa; é uma atitude que procura conciliar coisas que estão em oposição, não procura um denominador comum, faz uma soma que fica contraditória em si mesma.

Profª MARIA TERESA CAMARGO

9) — A princípio referiu que há regras inconscientes na mente do falante. É possível defini-las?

R.) — Sim, é a gramaticalidade, no fundo.

Profª MARIA TERESA CAMARGO

10) — O Estruturalismo poderia achar uma solução para a descoberta dessas regras?

R.) — É difícil. Não percebi bem o que a senhora quer dizer; seria isto: como há realizações diferentes, a estatística pro-

cura ver qual é a mais freqüente? A questão da estatística e do Estruturalismo são dois pontos de vista diferentes. Agora a estatística está focalizando a língua como atividade coletiva; no Estruturalismo não se vê atividade coletiva, vê-se uma atividade estrutural, pode haver estruturas diferentes: se um indivíduo A usa uma construção e o indivíduo B usa outra, em cada uma há uma estrutura; a estatística vai procurar ver coletivamente qual é a estrutura mais freqüente e então toma convencionalmente essa freqüente como uma norma. Isso quer dizer que o Estruturalismo não vai dar elemento para a estatística porque o ponto de partida é justamente diferente. A estatística quer ver justamente o que é coletivamente o mais freqüente, ao passo que o Estruturalismo quer ver qual é a estrutura de tudo aquilo que aparece.

MARIA ANTONIETA ALBA CELANI

11) — O que pensa de certos lingüistas americanos para os quais é gramatical o que vem de um falante da língua, sendo agramatical o que vem de um estrangeiro?

R.) — Está ligado justamente à pergunta da Prof^a Camargo. Tôda a estatística léxica, e isso já não envolve propriamente uma questão de Estruturalismo, é uma questão diferente; é um debate a propósito de correção lingüística. Os estudos lingüísticos surgiram com a preocupação de impor uma norma aos falantes por motivo de ordem social, de diferenciação de classes principalmente, e nunca eles conseguiram se libertar desses pressupostos normativos do conceito de correção. Então os lingüistas norte-americanos reagem contra isso dizendo que não há formas incorretas, que tudo aquilo que o nativo diz é correto e que só é incorreto aquilo que o estrangeiro diz e o nativo não diz. O conceito de correção procura partir do ponto de vista estatístico; será correto aquilo que é o mais freqüente. Há aí um choque de opiniões, mas com o qual o Estruturalismo não tem nada que ver; ele apenas está assistindo a essa luta. Esses lingüistas que dizem que tudo aquilo que o nativo diz é correto e que é incorreto o que o estrangeiro diz, estão justamente querendo combater a idéia de que dentro da língua há uma maneira legítima e uma maneira ilegítima de dizer. Com efeito há, mas não por motivos lingüísticos e sim sociais; uma questão de diferenciação de classes, diferenciação regional. Esse conceito de correção não é propriamente um conceito lingüístico, é um conceito político-social. Mas infelizmente isso está tão radicado na mentalidade das pessoas que se preocupam com o estudo da linguagem, que confundem duas coisas diferentes; e, quando o lingüista rejeita isso no campo lingüístico, interpretam que está achando que se pode dizer tudo, e que, portanto, essa atitude é uma porta aberta a tôda sorte de erros. Não é isso que o lingüista diz: o que ele afirma e que o conceito de correção não é um conceito lingüístico, mas político-social.